

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**



JOAQUIM GONÇALVES VILARINHO NETO

**ATIVISMO, VIVENTES E EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO
VEGANISMO COMO MOVIMENTO POLÍTICO**

RECIFE

2022

ATIVISMO, VIVENTES E EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO VEGANISMO COMO MOVIMENTO POLÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do curso de Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Hugo Menezes Neto

**RECIFE
2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vilarinho Neto, Joaquim Gonçalves.

Ativismo, viventes e emoções: uma análise do veganismo como movimento político / Joaquim Gonçalves Vilarinho Neto. - Recife, 2022.

60 p. : il.

Orientador(a): Hugo Menezes Neto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Licenciatura, 2022.

Inclui referências, anexos.

1. Veganismo. 2. Ética. 3. Emoções. 4. Sofrimento. I. Menezes Neto, Hugo. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

JOAQUIM GONÇALVES VILARINHO NETO

**ATIVISMO, VIVENTES E EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO VEGANISMO COMO
MOVIMENTO POLÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do curso de Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em: 04/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Ana Cláudia Rodrigues (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Ana Paula Perrota (Examinador Externo)
Universidade Texto Texto

AGRADECIMENTOS

Talvez, pareça um pouco clichê afirmar “esse trabalho é uma obra coletiva”, mas, realmente, é necessário reafirmar isso, ninguém consegue fazer nada sozinho, muito menos eu ter conseguido chegar até aqui e concluir esse trabalho.

Em primeiro lugar, quero agradecer a minha família, minha mãe Fernanda e meu pai João, por sempre terem feito o possível e o impossível para me proporcionar o que acreditavam como o melhor, sempre foram exemplos de dedicação e esforço. A vontade de ser professor veio muito por enxergar as qualidades do ser docente na minha mãe, obrigado por ser essa pessoa que nunca desistiu da educação e, apesar de todas as dificuldades e problemas que ser docente acarreta na nossa realidade, sempre trabalhou com toda dedicação e felicidade. A curiosidade por teoria social muito se deve ao meu pai que, apesar de ser fisioterapeuta, sempre estudou história e filosofia como lazer e acredito vir daí meu grande interesse por querer entender a sociedade. Também quero agradecer a minha irmã Júlia por sempre dar aquela força nos momentos de dificuldade e ficar me ouvindo nos momentos de ansiedade quando não consigo parar de falar.

Agradeço a Universidade Federal de Pernambuco por todas as oportunidades que ela me ofereceu, apesar dos problemas, sem a universidade pública, o curso de ciências sociais muito provavelmente não existiria, nem eu conseguiria fazer esse curso. Exigir e defender a educação pública universal de qualidade é nossa obrigação. Além disso, quero agradecer também às professoras e professores que tive o prazer de compartilhar conhecimentos, foram e são essenciais nesse processo, em especial meu querido orientador Hugo Menezes que é um exemplo de profissional e de pessoa, não poderia ter um orientador melhor, foi impecável, além de ter feito parte de vários momentos durante minha formação acadêmica.

Não poderia deixar de agradecer às antropólogas que aceitaram o convite de fazer parte da banca avaliadora. Quero agradecer a Ana Cláudia Rodrigues que, junto a Hugo, foi essencial no desenvolvimento da minha paixão pela antropologia. Agradeço também a Ana Paula Perrota, uma grande referência na área para mim, com espaço de destaque no desenvolvimento deste trabalho.

Quero agradecer aos meus queridos amigos da vida que o acaso destinou a mim por fazer o caminhar da vida mais leve, a Danilo Freire que, toda semana por vários anos, tem ouvido minhas falasções de água com a maior disposição e companheirismo, a Renato Shkar por ter me apresentado o veganismo, a Rafael Luiz, a Rafael Formiga, Lucas Adriel, Camila Perazzo, André Menezes e Débora Ramos.

Agradeço também a minha namorada Isabele Paiva por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos e me acompanhar e me dar forças em todo período desse curso.

Não poderia faltar meus queridos companheiros vivos, Chico e Tom que me ensinaram e ensinam o que é se relacionar e construir laços de afeto e companheirismo com outras espécies.

Por último e de nenhuma forma menos importante, agradeço às amigadas que tive o prazer de desenvolver no curso, sem elas, provavelmente, não teria forças para concluir essa etapa, na medida que nós dividimos as mesmas frustrações, as dificuldades, muitas conversas jogadas fora e nos ajudamos e apoiamos. Foi um prazer dividir aquela mesa de bar antes da aula “pra ficar pensando melhor”. São elas, minhas amigas e amigos, Alef Henrique, Andrey Vitor, Derick Coelho, Eduardo Duarte, June Ferreira, Murilo Veloso, Nayara Marinho, Paulo Gabriel, Rafaela Arruda e em especial Denilson Moraes por ter me incentivado a pesquisar sobre essa temática.

EPÍGRAFE

“A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo social e histórico”

(Paulo Freire)

RESUMO

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa com o objetivo principal de investigar e tensionar os principais discursos do veganismo. Essa pesquisa foi realizada através de um relato etnográfico da “ Primeira Marcha pelo dia Mundial do Veganismo” que ocorreu na cidade do Recife no dia 2 de novembro de 2019 e a observação nas redes sociais, dentre elas, o grupo “VegAjuda- Veganismo” no *Facebook* e a página do grupo ativista ANTAR e algumas páginas de influenciadores no *Instagram*. Foi possível concluir que não há “o veganismo”, mas os “veganismos”, dentre eles, o estratégico, o abolicionista e o popular com agenciamentos diferentes da ética vegana, cada um com visões e ativismos em certa medida conflitantes e objetivos diferentes. Além disso, foi possível destacar o caráter das emoções, principalmente com a formação de uma comunidade emocional e, conseqüentemente, a linguagem emocional compartilhada e entendida por todos do grupo, e o sentir o sofrimento do outro como chave para interpretar o veganismo.

Palavras-chave: Veganismo; ética; emoções; sofrimento.

ABSTRACT

This work is the result of a qualitative research with the main objective of investigating and stressing the main discourses of veganism. This research was carried out through an ethnographic report of the “Primeira Marcha Mundial pelo Veganismo” that took place in the city of Recife in November 02, 2019, and the observation on social networks, among them, the group “VegAjuda - Veganismo” in Facebook, a page of the activist group ANTAR and some influencer profiles on Instagram. It was possible to conclude that there’s no “veganism”, but “veganisms”, among them and analyzed in this research, the strategic, the abolitionist and the popular with different agencies of vegan ethics, each with distinct views, somewhat conflicting ways of activism and different objectives. In addition, it was possible to highlight the character of emotions, mainly with formation of an emotional community and, consequently, an emotional language shared and understood by everyone in the group, and the feeling of other’s suffering as a key to interpret veganism.

Keywords: Veganism; Ethics; Emotions; suffering.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	DICOTOMIAS EM PERSPECTIVA	14
2.1.	Modernidade e natureza-cultura	17
2.2.	Animal ou animais?	19
2.3.	Entre razões e emoções	23
3.	O CHORO TAMBÉM É LUTA?	27
4.	VEGANISMO PRA QUÊ?	39
4.1.	Veganismo estratégico x veganismo abolicionista	40
4.2.	Veganismo popular é poder popular	48
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
	ANEXO A - PANFLETO DA MARCHA	59

1. INTRODUÇÃO

O pesquisador e o veganismo

Eu sempre me considerei uma pessoa que se importava com os animais e tinha curiosidade em relação ao que eles são, apesar disso, acreditava que existiam animais que podiam ser comidos ou explorados porque era necessário. Comecei a conhecer o veganismo em meados de 2010, mas não via como uma possibilidade plausível para mim e conhecia de uma forma caricata. Comecei a me interessar mais pelo veganismo após um amigo decidir se tornar vegano em 2015. A partir desse momento, comecei a pesquisar e tirar dúvidas diversas com esse amigo. Então, assisti dois documentários sobre a indústria da carne que mostra seu nível de exploração e sofrimento causado aos animais, além do impacto na natureza como um todo. Desde então, toda vez que ia comer alguma refeição com derivados de animais, eu me questionava se era correto isso que eu estava fazendo, comecei a **sentir** o peso daquelas mortes no meu prato. No início de 2017, esse mesmo amigo me questionava porque eu não me tornava vegano se enxergava aquelas práticas como erradas, isso me deixava incomodado e não sabia muito bem como responder, mas eu não me sentia disposto a mudar aqueles hábitos que sempre estiveram na minha vida. Nesse mesmo período, em um dia qualquer, acordei e não quis mais comer derivados de animais. Desde então, minha relação com o consumo mudou drasticamente.

No final de 2019, soube por acaso de uma marcha com ideais do veganismo e decidi participar. A partir dela, pude perceber várias questões no discurso e nas ações do(s) veganismo(s). Então, o que vivenciei ali, me inspirou a desenvolver este trabalho. Portanto, essa vivência teve espaço de destaque no que foi desenvolvido aqui. O evento se intitulava “1º Marcha pelo Dia Internacional do Veganismo”, e foi organizado em homenagem ao dia mundial do veganismo, que ocorre todos os anos no dia 1º de novembro, sendo a primeira edição realizada em Recife. A Marcha cobrava o fim do especismo¹ e o fim da exploração animal², com o tema “contra o especismo/pelo direito à vida”. Nela, foi possível perceber

¹O especismo é uma visão que compreende a humanidade como superior em relação às outras espécies animais, consequentemente, o humano poderia explorar as outras espécies como quiser. Pode-se dizer que essa lógica faz parte da base do pensamento ocidental moderno.

² Utilizar os demais animais como meio ou fim para satisfazer as necessidades humanas, como alimentação, vestuário, lazer, comercialização e testes farmacológicos.

como a questão do sofrimento animal e os laços de empatia são bastante explorados pelos ativistas, como uma das faixas utilizada pelas ativistas dizia, “carne é sofrimento”. Desse modo, o trabalho a seguir é politicamente localizado, feito por alguém que acredita nas reivindicações do veganismo e que vive a experiência de ser vegano.

A lei 9.605/1998 prevê a condenação por maus tratos aos animais, ela diz: “praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”. Mas, na prática, essa lei não funciona para as indústrias da carne e leite, pois cerca de 12,53 milhões de suínos, 1,55 bilhão de frangos e 6,54 milhões de bois e vacas foram assassinados³ em 2021 segundo dados do IBGE, sem contar os maus-tratos que fazem parte do dia a dia dessas indústrias. Dessa forma, esses animais não entram na lei de proteção aos animais na prática.

A lei e a sociedade brasileira têm uma posição bem-estarista⁴ em relação aos outros animais, ou seja, apesar da exploração e dos assassinatos serem aceitáveis para o proveito humano, há um mínimo de preocupação com o bem-estar e qualidade de vida desses animais, busca-se alternativas para diminuir o sofrimento do animal explorado. Percebe-se isso através das leis de proteção aos animais, apesar de na prática não ser bem assim. É permitido, por exemplo, retirar os dentes dos porcos, cortar e queimar os bicos dos pintos⁵, logo, podemos entender esses processos como mutilações e ferimentos aos animais não humanos. Seguindo essa ética, nos últimos anos, grupos ativistas tentam lutar para evitar o transporte de animais para a indústria, principalmente da carne, de serem transportados vivos através de navios e caminhões, com a justificativa de gerar uma grande tortura para esses animais.

O termo veganismo surge para diferenciar sua adesão do vegetarianismo, que é mais voltado para uma dieta à base de vegetais, sem necessariamente expressar um caráter político ou uma militância contra a exploração dos animais. Com isso, o veganismo é um movimento que ganhou força e destaque nas últimas décadas como um movimento que questiona as

³ Geralmente, na indústria da carne e nas pesquisas de dados de sua produção, utiliza-se os termos “carcaça” para se referir aos animais mortos e “abate” para o processo de matá-los. Como a linguagem não é neutra, a utilização desses termos tem uma intenção e uma versão. Portanto, decidi utilizar a palavra “assassinato” pelo caráter reflexivo desse trabalho e sua representividade política dentro da ética vegana, na tentativa de subverter e resignificar a produção da carne, não somente como um processo produtivo, mas que envolve morte intencional de outros viventes, um assassinato. Essa discussão será melhor desenvolvida nos capítulos seguintes.

⁴ O bem-estarismo animalista é uma corrente ética que preza somente pelo “bem-estar” dos animais não-humanos. Ou seja, a intenção é diminuir o sofrimento e trazer condições de vida toleráveis para os animais, sem abolir a exploração animal. Esse é um ponto de grande destaque e crítica nos discursos dos veganos que tem como base a abolição animal, conseqüentemente, condenam o bem-estarismo.

⁵ Utilizam esses processos para evitar que os filhotes de porcos arranquem o bico do peito das mães e cortam e queimam os bicos dos pintos para evitar o canibalismo entre eles. Isso pode ocorrer pelo nível de estresse que esses animais são submetidos na indústria. Além da mutilação realizada nos filhotes, o processo é feito sem nenhuma anestesia ou preocupação com eles.

relações desiguais e exploratórias entre animais humanos e não-humanos, naturalizadas há muito tempo no mundo e agravadas com o advento do capitalismo, da industrialização e da racionalização (construção cultural na qual os animais não humanos perderam seu status de animais para se tornarem mercadorias e objetos). Assim, o veganismo engloba novos conceitos éticos e morais, os animais não-humanos não são vistos como inferiores ou recursos a serem explorados, ele se inscreve na luta pelos direitos dos animais não-humanos, pela abolição de toda exploração animal pelos humanos e o reconhecimento desses como seres sencientes⁶. Diante disso, condenam o especismo. Nesse sentido, o veganismo pode ser entendido como contracultura.

Ativismo e ética vegana: questões norteadoras.

As pessoas não-veganas são levadas a compreender o veganismo equivocadamente, pensam que o veganismo é meramente uma dieta, ideia muitas vezes reafirmada pela desinformação ou pela construção simplista difundida no senso comum. Como vivemos em uma sociedade capitalista, do consumo, uma das principais formas incitadas pelo veganismo de combater a exploração e o sofrimento animal é através do boicote a produtos e a empresas envolvidas com exploração animal, a produtos que envolvem testes em animais, a eventos recreativos e esportivos com animais, e ao comércio de animais de estimação, ou seja, a qualquer forma de exploração. Além disso, também há questões veganas ligadas diretamente com causas ambientais, como desmatamento, resgate de animais, produção de lixo, produção de gases ligados ao efeito estufa e aquecimento global.

Há uma ética vegana, ao mesmo tempo há níveis diversos de compartilhamento e de agenciamento dessa ética⁷. Apesar de uma pequena parcela recusar vacinas ou manter ideias negacionistas, nem todas as pessoas veganas deixam de tomar um remédio ou uma vacina, mesmo que, até esse momento, a maioria dos medicamentos e vacinas utilizam testes em animais durante a produção. Porém, elas pautam a eficiência e a possibilidade de outros formatos para a produção dos fármacos, uma vez que a ciência já sinaliza mudanças nesse quesito, tendo em vista que determinados estudos mostram a ineficiência dos testes em animais, além da extrema crueldade desses procedimentos⁸.

⁶ Capacidade que os animais possuem de sentir e vivenciar emoções e sentimentos, como felicidade, dor, angústia e alegria.

⁷ Essa questão será melhor desenvolvida mais adiante.

⁸ Ver maiores detalhes em estudos apontados nesse site sobre os testes em animais:

<https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/188868091/ineficacia-de-testes-em-animais-e-denunciada-em-seminario-na>

O veganismo é um movimento guiado por uma ética e por pautas específicas, ancorada numa causa marcada simbolicamente pelo consumo. Nesse sentido, o boicote a produtos de origem animal, testes em animais e um consumo mais criterioso desenvolve identidade (modo de ver o mundo, condutas e valores compartilhados) e unidade a esse grupo. Mas será que isso basta para compreender o veganismo e seu ativismo? Dessa forma, esse trabalho se propõe a investigar e tensionar as questões pertinentes aos discursos do(s) veganismo(s) propalados em um evento presencial (a Marcha pelo dia mundial do veganismo) e nas redes sociais (por meio da participação nas páginas do grupo “VegAjuda- Veganismo” no *Facebook* e a página do grupo ativista ANTAR e algumas páginas de influenciadores no *Instagram*).

Por ser uma temática que ganha cada vez mais espaço na sociedade, muitas incertezas, dúvidas e mitos perpassam a(s) causa(s) vegana e o movimento vegano. Essa é uma área rica em possibilidades de pesquisas a partir da reivindicação por mudanças não mais apenas para o sujeito humano, mas sim para todos os animais. Trata-se, como entendo, de uma virada ética e moral em busca de novas perspectivas na análise das relações entre humanos e não-humanos. Dessa forma, questiona-se hábitos de produção e consumo naturalizados em nossa sociedade há muito tempo. Por isso, é imprescindível estudos nessa área para entender o impacto social de tal questão e suas possibilidades de mudanças.

A academia e o veganismo: interlocução teórica, bases metodológicas e organização das ideias

No Brasil, mais especialmente nas ciências sociais, há uma produção de pesquisas e trabalhos desenvolvidos no campo da relação de humanos e não-humanos, nesse caso, no que se refere às novas visões e relações de animais humanos e não-humanos, como na defesa do direito dos animais, vegetarianismo e veganismo que, em certa medida, tenta romper com o antropocentrismo. Posso destacar as pesquisas da antropóloga Ana Paula Perrota, no que tange os defensores do direito dos animais, e também das antropólogas Luciana Campelo de Lira e Juliana Abonízio, no que diz respeito ao veganismo e vegetarianismo. Portanto elas são algumas das minhas referências neste trabalho.

Pretendo contribuir para essa área de pesquisa pensando sobre as diferenças existentes entre as várias formas de entender e defender o(s) veganismo(s) e os conflitos decorrentes disso, ainda como isso se reflete nos discursos e práticas desses atores. Para tanto, além das

referências já citadas, também acionei as ideias do filósofo Jacques Derrida no que se refere a ideia de “viventes”, e das antropólogas Myriam Jimeno, Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho no campo da Antropologia das emoções, pela importância que o sofrimento tem nos discursos e nas expressões das emoções. Também destaco interlocução com a filósofa Donna Haraway e com o antropólogo Bruno Latour no que tange às relações humanos e animais, bem como a desnaturalização do binômio cultura e natureza.

Para tal propósito, foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir da observação participante, da observação de páginas e comunidades online, de revisão bibliográfica e de uma entrevista. No primeiro momento, a intenção era se valer principalmente da etnografia, mas, por conta da pandemia, ficou inviável realizar prioritariamente a pesquisa presencialmente. Dessa forma, a observação de páginas na internet e a revisão bibliográfica ocuparam espaços importantes nesse trabalho.

Presencialmente, pude observar algumas ações políticas e feiras veganas na cidade do Recife, busquei observar como a ética vegana se concretiza nos discursos dos ativistas, como as emoções se expressam nesse momento e seus possíveis significados. A observação que pôde se destacar foi a da Marcha, portanto ela se formou como o fio condutor deste trabalho, principalmente por colocar em evidência várias questões políticas e éticas do veganismo e a relação das emoções, o luto e o sofrimento com os demais animais.

Na internet, foi possível observar um ambiente mais amplo, como um grupo vegano no *Facebook* “VegAjuda - Veganismo”, uma página do grupo ativista ANTAR e algumas páginas de influenciadores digitais no *Instagram*, nessas páginas, observei determinadas postagens e os debates gerados por elas. Essa observação durou por volta de 2 meses. Neles, tentei observar os conflitos e tensões nos discursos do(s) veganismo(s), como a aceitação ou recusa dos produtos industrializados “veganos”, e sobre o que é o veganismo em si. A entrevista foi realizada com um ativista vegano e produtor de lanches veganos da região metropolitana do Recife, o nome dele foi alterado para Paulo para manter o anonimato. Decidi introduzir a entrevista por corroborar com as observações na Marcha e iluminar o entendimento sobre uma categoria em específico, o sentir.

A análise dos dados foi realizada através da análise do discurso, “ uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção social” (Gil, 2002, p.244). Devido ao grupo estudado reivindicar mudanças na forma de entender o mundo e a relação com os outros seres, seus discursos e ações são repletos de significados que demonstram sua visão ética e política, cada palavra ou ação pode ser importante para

compreendê-los, na medida que a linguagem não é um recurso neutro, entender a forma e o porquê daquilo ser dito é de extrema importância. Assim explica o cientista social Antônio Carlos Gil (2002):

Diante da transcrição de uma discussão entre vegetarianos, por exemplo, o analista de discurso não procuraria descobrir ali por que as pessoas implicadas deixaram de comer carne e peixe, mas ao invés disso, estaria interessado em analisar como a decisão de se tornar vegetariano é legitimada pelos porta-vozes, ou como eles respondem a críticas potenciais, ou como eles formam uma autoidentidade positiva (Gil, 2002, p. 251).

Este trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro, “**Dicotomias em perspectiva**”, utilizei alguns autores que refletem sobre a relação entre humanos e não-humanos e da antropologia das emoções para questionar a estrutura dicotômica e hierárquica que foi construído no pensamento ocidental moderno e impacta a vida e as relações entre os seres vivos.

No segundo, “**O choro também é luta?**”, o foco principal é a descrição e análise da Marcha, principalmente, como um evento que revela quais as reivindicações de seus participantes, como as emoções podem ser performadas, compartilhadas e entendidas por eles e qual sua importância para o veganismo e seu ativismo. Além disso, poder entender a importância do sofrimento e o sentir para o discurso e a própria efetivação do veganismo.

O terceiro capítulo, “**Veganismo, pra quê?**”, discorro sobre as principais ideias dentro do veganismo divididas, a grosso modo, entre o veganismo pragmático (estratégico), o veganismo abolicionista e o veganismo popular, de que forma elas se diferenciam e como se tensionam. Dentre essas tensões, por exemplo, o apoio ou o boicote a empresas e a produtos, bem como o entendimento do que é o veganismo e suas estratégias.

2. DICOTOMIAS EM PERSPECTIVA

A relação entre animais humanos e animais não-humanos sempre existiram, com o desenvolvimento das sociedades, essas relações foram constantemente alteradas. Nesse sentido, os demais animais eram vistos de formas diferentes, ora foram adorados como deuses, ora vistos como próximos a “humanos”, ora odiados ou simplesmente usados como recursos. Conseqüentemente, despertaram diversos tipos de emoções nos seres humanos de acordo com a época, local, grupo, cosmovisão e cultura. Determinadas culturas também nutriam emoções diferentes para animais diferentes. Por exemplo, no antigo Egito, gatos e porcos eram animais sagrados, e sua comercialização e exploração proibida, logo, despertavam emoções relacionadas ao respeito e adoração, por outro lado, outros animais poderiam ser comercializados e explorados. Semelhante a esse exemplo é o das vacas e macacos na Índia, considerados animais sagrados.

Além disso, é interessante citar o trabalho clássico de Evans-Pritchard (1978) da relação do povo Nuer com o gado em seu livro “Os Nuer”, apesar de ser datado em alguns aspectos é uma das primeiras obras da antropologia a tratar da relação com outras espécies. Nele, o autor destaca a dependência mútua do povo Nuer em relação ao gado que eles criam, pode-se chamar de uma relação de simbiose entre as espécies. Na medida que o gado faz parte de praticamente todas as esferas da vida, como nas relações com as tribos vizinhas, nas relações de parentesco, na alimentação, nas brincadeiras das crianças, no trabalho, nos rituais e na própria linguagem. Nesse sentido, seria impossível pensar e entender os Nuer sem levar em conta sua relação com o gado.

Outro trabalho clássico que vale destacar é sobre os balineses de Geertz (1977). Ele viveu na ilha de Bali por um período dos anos de 1960 para esse estudo. Os Balineses desprezavam e odiavam os animais, inclusive eram relacionados a demônios, esses tendo formas animais, ações e práticas relacionadas a animais despertavam repulsa, nojo e eram repreendidas. Por exemplo, as necessidades fisiológicas como se alimentar e defecar deveriam ser feitas rapidamente em momentos de privacidade, inclusive, proibiam os bebês de engatinhar por parecer o andar de um animal. Para eles, esses eram exemplos de momentos que os humanos mais se aproximavam da animalidade. Portanto, a animalidade era desprezada pelos Balineses, por ser o inverso da humanidade. Com exceção dos galos, que eram relacionados à masculinidade, tinham um tratamento diferenciado e recebiam uma certa forma de afeto e dedicação dos seus donos. Era o único animal que se permitia criar algum

vínculo emocional. Apesar disso, era uma tradição comum, a briga de galos, onde brigavam até a morte. O galo, nesse sentido, era quase como uma extensão do corpo dos homens.

Além dos já citados, Marshall Sahlins (2003) também é um clássico de destaque nessa área de pesquisa. O autor descreve a relação do tabu dos norte-americanos com a alimentação de carne de cachorro e cavalo, dessa forma, ele demonstra que essa relação vai muito além de uma relação com motivos econômicos e nutricionais apenas, mas, principalmente, fatores culturais e afetivos na relação com as outras espécies. Diante disso, ele realiza uma comparação entre os animais comestíveis e não-comestíveis, essa comparação destaca que essa comestibilidade se relaciona com a aproximação ou distanciamento com a humanidade. Portanto, os cachorros e cavalos são entendidos como sujeitos na sociedade norte-americana (apesar de níveis diferentes de sujeitos). Em contrapartida, porcos e bois são considerados objetos.

Em nossa sociedade, em modo geral, os animais não-humanos são vistos como recursos a serem explorados, com exceção de poucos animais tidos como de estimação ou “pets” (mesmo esses, são explorados, como na reprodução de cachorros e gatos de raça para venda). De uma perspectiva da qual compactuo, isso ocorre por ser entendido que os outros animais são inferiores aos humanos. Essa inferioridade é estabelecida por meio do entendimento de que os animais não são inteligentes ou não sentem emoções (características entendidas como natural nos humanos apenas). A capacidade emocional ou de pensar são remetidas aos seres humanos, posto como humanidade. Quando é divulgada alguma notícia de casos de violência e brutalidade na mídia, as pessoas na internet tendem a remeter a falta de humanidade ou a presença de animalidade à violência. Apenas é remetida a humanidade aos animais não-humanos quando realizam uma ação complicada que precisaria de um certo raciocínio para realizá-la e também em casos que animais demonstram emoção, compaixão ou realizam atos de bravura.

Ao observar páginas na internet sobre notícias e humor, pode-se observar muitos exemplos de comentários sobre animais demonstrando compaixão e bravura. Em um desses vídeos compartilhados em uma página de humor do *Instagram*, é possível observar através de uma câmera de monitoramento de uma fazenda com vários animais convivendo em uma área relativamente grande ao redor de cercas. Nessa área, há galinhas, patos, bodes e outros animais. Em determinado momento, uma espécie de ave predatória (possivelmente um falcão) ataca uma das galinhas, primeiramente, um galo avança na ave na tentativa de acabar com o ataque à galinha. Em seguida, ao perceber a situação, um bode também avança em direção a ave, o galo junto ao bode, começam a atacar a ave que ainda tenta caçar uma das galinhas e

contra-ataca o galo e o bode, mas eles insistem na ofensiva e obtêm sucesso em espantar a ave. Claramente um ato de bravura, demonstrando seu companheirismo e cuidado com as galinhas. Pode-se perceber o caráter de sociabilidade e afeto dos animais não-humanos, inclusive inter-espécie.

Alguns comentários das pessoas que assistiram ao vídeo são importantes para ilustrar e dar base para a construção da argumentação: “Hoje em dia, os animais dão maior lição de Amor para os seres humanos!”, “Os animais têm mais amor e lealdade uns aos outros do que o ser humano”, “Os animais é que estão sendo humano. Tem amor”, “Hoje em dia, os animais são mais ser humano do que o próprio ser humano, os animais têm mais amor ao próximo”. “Os animais estão mais humanos do que os próprios seres humanos.” De acordo com os comentários, as pessoas relacionam o caráter de humanidade à demonstração de solidariedade, amor e lealdade ao próximo (humano). Entendem que o ser humano está perdendo essas características ao passo que os animais estão se desenvolvendo ou se destacando nesse sentido. Dessa forma, há uma primazia do amor e lealdade ao próximo e coragem remetidos ao humano, uma característica fundamental do que se entende como humano, ou seja, sentir emoções que demonstram solidariedade e empatia. Já os demais animais são seres programados e que vivem através do instinto.

Essa forma de pensar e entender os animais não humanos e sua relação com os animais humanos tem sua consolidação no passado, na transição e início da modernidade europeia. A antropóloga Luciana Campelo de Lira (2013) discorre sobre o desenvolvimento dessa forma de entender essas relações. Para ela a base desse pensamento foi o paradigma cartesiano, na medida que Descartes coloca no humano, além de plano biológico, um plano existencial e mental, característica única de raciocinar, que nenhum outro animal detêm:

No século XVII, encontramos um ambiente intelectual que consolidará as bases do pensamento moderno com ressonâncias até os dias atuais. Falo do paradigma cartesiano, que lançou os alicerces a respeito da própria definição de humano e seu contraste em relação às demais espécies. O cogito cartesiano “Penso, logo existo” assegurou a superioridade do mundo espiritual (mental, intelectual) em relação ao mundo físico e fundamentou um conceito de humano distante das características animais (físicas, biológicas) da espécie. Além disso, ofereceu uma definição do humano como “uma coisa que pensa” e, conseqüentemente, excluiu e negou às outras espécies o caráter existencial. Já que os animais não têm alma, não pensam e não sentem dor, sendo qualquer tipo de ação impetrada contra eles, justificada, tendo em vista os interesses humanos (LIRA, 2013, p. 86).

Essa lógica e pensamento enraizados em nossa sociedade é uma herança da construção do conhecimento e cosmologia ocidental moderna fundamentada na religião, na filosofia e na ciência. Trata-se de uma visão antropocêntrica, dicotômica e hierárquica da realidade, em relação aos demais animais, que tenta distanciá-los dos seres humanos, buscando por

características que diferenciam o ser humano como totalmente oposto aos demais animais por deter o privilégio de pensar e sentir emoções. Entre várias dicotomias envolvidas nessa lógica estão cultura/natureza, mente/corpo, homem/mulher, razão/emoção e humano/animal, dessa forma, essas dicotomias são vistas como campos opostos, de forma hierárquica e classificatória. Sempre um lado é considerado mais importante ou superior em relação ao outro. Segundo Luciana de Lira, além dessas dicotomias se complementarem no entendimento da realidade, elas são responsáveis pela forma de nos relacionarmos com a natureza e com as outras espécies:

Como ocorre entre os membros de nossa própria espécie, a classificação a respeito das espécies que habitam este planeta constrói e organiza as relações estabelecidas. As dicotomias clássicas do pensamento ocidental, como as de natureza e cultura, animal e humano, corpo e mente, sujeito e objeto, universal e particular, atravessam esferas diferentes da vida social, sustentando uma série quase infinita de noções e conceitos a respeito dos mais variados objetivos. Dicotomias que estão imbricadas umas com as outras e que tem definido, historicamente, as relações que estabelecemos com a natureza, com os animais e com o nosso corpo (LIRA, 2013, p. 95)

Nos tópicos seguintes, a discussão será voltada a algumas dicotomias importantes para compreender como a noção de natureza e animais não-humanos e humanos foi construída para em seguida se relacionar a quebra desses conceitos (ou não?) pelo veganismo.

2.1 Modernidade e natureza-cultura

Um debate que tomou destaque por bastante tempo nas áreas da teoria social foi a relação e separação entre natureza e cultura. Muitas vezes, pensadas como noções opostas, hierarquizadas e hierarquizadoras, montaram uma dicotomia que fundamenta a superioridade humana e permite o ser humano, detentor da cultura, dominar a natureza.

Bruno Latour (1994) critica a formação do pensamento moderno em relação à divisão das áreas do conhecimento, da impossibilidade de analisá-las conjuntamente e da separação entre cultura e natureza na realidade moderna. Seu sucesso no texto “Jamais fomos modernos” (1994) está exatamente em criticar a separação entre cultura e natureza. Nesse sentido, a cultura era tida como domínio de estudo da política e a natureza dos cientistas, campos separados que não se relacionavam. Esse pensamento foi posto pelos pais fundadores Thomas Hobbes (política) e Robert Boyle (ciência), e desenvolvido por seus sucessores. Como disse Latour:

Cabe à ciência representação dos não-humanos, mas lhe é proibida qualquer possibilidade de apelo à política; cabe à política a representação dos cidadãos, mas lhe é proibida qualquer relação com os não-humanos produzidos e mobilizados pela

ciência e pela tecnologia [...] de um lado, a força social, o poder; do outro, a força natural, o mecanismo. De um lado, o sujeito de direito; do outro, o objeto da ciência. Os porta-vozes políticos irão representar a multidão implicante e calculadora dos cidadãos; os porta-vozes científicos irão de agora em diante representar a multidão muda e material dos objetos(LATOUR, 1994, p. 33-35).

Para Latour, esse projeto de realidade é totalmente falho, pois não há essa fronteira demarcada entre natureza e cultura ou de humanos e não-humanos, há uma interação entre esses domínios e atores, mais complexamente, somos todos natureza e cultura. Além disso, pode haver a produção de híbridos consequência dessas relações. O autor cita alguns exemplos desses híbridos, como, por exemplo, o buraco na camada de ozônio, um evento natural, decorrente do efeito estufa causado pelas práticas desenvolvidas pelos humanos e as discussões políticas decorrentes dessa questão. Dessa forma, refletindo no dia a dia da humanidade, a antropóloga Letícia Freire (2006) resume bem a conclusão de Latour sobre sua crítica à separação entre cultura e natureza e aos modernos. Na medida que o projeto moderno é de separação e superação da natureza, não seria possível compreender a realidade a partir desse paradigma, então ele propõe pensarmos nos termos de naturezas-culturas, como afirma Freire:

Essa proliferação de objetos que já não podemos considerar nem totalmente naturais nem totalmente sociais nos faz questionar sobre essa radical separação entre natureza e cultura produzida pelo mundo moderno. Conforme demonstra Latour, na prática nunca paramos de criar esses híbridos, apenas recusávamos assumi-los para defender um paradigma que já não se sustenta mais, o que o conduz a afirmar de modo categórico que jamais fomos verdadeiramente modernos. É preciso então questionar este paradigma fundador para que possamos compreender nosso mundo atual através de um olhar moderno (FREIRE, 2006, p. 53).

A natureza não está fora ou além das culturas ou sociedades, ela faz parte do nosso mundo e está em constante interação com a cultura, nós humanos, não dominamos a natureza ou os animais, nós fazemos parte do mesmo mundo e realidade, nós fazemos parte da natureza; nossa relação com os demais animais é a formação dessas naturezas-culturas. Nesse sentido, podemos destacar o trabalho de Donna Haraway (2016) em "O manifesto das espécies companheiras", nele, a autora destaca a relação com as outras espécies, principalmente as "espécies companheiras". Essa relação multiespécie e dentro de uma noção de natureza-cultura rompe com as ideias dicotômicas do pensamento moderno animal/humano e natureza/cultura. A existência dos adestradores e criadores de cachorros e suas competições são uma consequência da relação humana com os companheiros caninos que existe há muito tempo.

Podemos afirmar que o veganismo também tem o objetivo de romper com essas construções do pensamento moderno, reivindicam uma ética de aproximação com as demais

espécies e entendem a natureza como fundamental e que está o tempo todo em interação com a humanidade. Impossível existir a humanidade fora dela ou num polo oposto de “cultura”. Por esse motivo, o veganismo não se fecha apenas à libertação animal, mas também ao respeito à natureza como um todo.

2.2 Animal ou Animais?

Dentre essas dicotomias, o humano e não-humano (animal) são importantes nessa análise, pois, na construção desse conceito, com o objetivo de classificar o que não é humano ou se distancia do humano, pode ser explorado. Hoje em dia, é totalmente condenado a escravidão de qualquer ser humano, mas os animais são vistos como recursos, mercadorias e objetos, apesar de sua senciência ser reconhecida juridicamente no Brasil⁹ e em outros países¹⁰. Consequentemente, leis que condenam os maus tratos aos animais foram criadas. A escravização dos povos africanos e indígenas americanos pelos brancos europeus se deu através do raciocínio de que eles não eram humanos ou eram humanos inferiores, ou seja, mais próximos aos outros animais, por isso poderiam ser explorados. Indo além, ainda se proliferou o pensamento que os brancos europeus eram mais, racionais e inteligentes, enquanto os povos negros africanos eram emocionais, e de grande capacidade física. Claramente uma tentativa de inferiorização, disfarçada de argumento científico. Nesta sessão, utilizarei Derrida (2002) para questionar as formulações sobre animais humanos e não-humanos e suas relações.

Um trabalho importante para questionar a construção do pensamento que separa e põe limite entre animais humanos e não-humanos é “O animal que logo sou” (2002) de Jacques Derrida. Através de uma situação cômica em que se encontra nu diante do olhar de seu gato, o faz pensar se deveria sentir vergonha. Diante disso, ele questiona e coloca à prova os limites e os motivos da separação e superioridade humana em relação aos outros animais. Não que sejamos iguais aos outros animais, ou que não há limites entre nós e as outras espécies (entre todas as espécies), mas, segundo Derrida (2002), devemos questionar esses limites, ao

⁹ Ver site com maiores informações <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/08/07/senado-aprova-projeto-que-inclui-direitos-dos-animais-na-legislacao-nacional>

¹⁰ Ver site com maiores informações <https://ferreiramacedo.jusbrasil.com.br/noticias/305038717/nova-zelandia-tambem-reconhece-os-animais-como-seres-sencientes#:~:text=Uma%20mudan%C3%A7a%20na%20lei%20da,%2C%20s%C3%A3o%20ceres%20%E2%80%9d%20Sencientes%20%22>

mesmo tempo, questionar essa dualidade entre humanos e “animal”, como se todas as outras espécies fossem iguais e pertencessem ao mesmo domínio oposto e inferior aos humanos.

O autor atenta para essa perspectiva que foi construída a partir da formação da sociedade moderna e seu desenvolvimento e que se sustenta e tem consequências até hoje, uma perspectiva que trouxe um nível inimaginável de objetificação e exploração animal nunca visto antes na história da humanidade que perpassa por várias áreas do conhecimento, produção e consumo humano:

No decurso dos dois últimos séculos, estas formas tradicionais de tratamento do animal foram subvertidas, é demasiado evidente, pelos desenvolvimentos conjuntos de saberes zoológicos, etológicos, biológicos e genéticos sempre inseparáveis de técnicas de intervenção no seu objeto, de transformação de seu objeto mesmo, e do meio e do mundo de seu objeto, o vivente animal: pela criação e adestramento a uma escala demográfica sem nenhuma comparação com o passado, pela experimentação genética, pela industrialização do que se pode chamar a produção alimentar da carne animal, pela inseminação artificial maciça, pelas manipulações cada vez mais audaciosas do genoma, pela redução do animal não apenas à produção e à reprodução superestimulada (hormônios, cruzamentos genéticos, clonagem etc.) de carne alimentícia mas a todas as outras finalidades a serviço de um certo estar e suposto bem-estar humano do homem (DERRIDA, 2002, p.51).

Pensar “o animal” nesses termos é distanciar e acabar com qualquer tipo de proximidade com a humanidade, é pensar o animal apenas como um recurso, um objeto ou um símbolo de curiosidade e de conhecimento da ciência e seus laboratórios. Retirou dos animais não-humanos qualquer autonomia ou individualidade que ele possuía.

Ninguém mais pode negar seriamente e por muito tempo que os homens fazem tudo o que podem para dissimular ou para se dissimular essa crueldade, para organizar em escala mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios (existem também os genocídios animais: o número de espécies em via de desaparecimento por causa do homem é de tirar o fôlego). Da figura do genocídio não se deveria nem abusar nem se desembaraçar rápido demais. Porque ela se complica aqui: o aniquilamento das espécies, de fato, estaria em marcha, porém passaria pela organização e a exploração de uma sobrevivência artificial, infernal, virtualmente interminável, em condições que os homens do passado teriam julgado monstruosas, fora de todas as normas supostas da vida própria aos animais assim exterminados na sua sobrevivência ou na sua superpopulação mesmo. (DERRIDA, 2002, p.52)

Diante disso, Derrida reconhece o sofrimento animal como a principal questão que pode aproximar o animal humano dos demais. Se há qualquer dúvida na capacidade cognitiva, social ou qualquer outra, o sofrimento animal pode ser visualizado por qualquer pessoa. O sentir e o sofrer é mais que suficiente para incluir os animais numa ética e moral de respeito à vida, à liberdade e à existência deles. Se podemos visualizar que esses animais sofrem da mesma forma que nós, devemos alterar a ética que exclui todos os outros animais e os colocam em um ponto oposto em relação aos animais não-humanos e justifica a exploração e o extermínio.

Outro questionamento importante que Derrida desenvolve é uso do termo que representa todos os animais não-humanos, “o animal”, como se todas as espécies fossem iguais e totalmente diferente dos humanos, dois polos extremos, de um lado, os humanos e, do outro, todos os outros animais, o humano e o animal, a humanidade e animalidade:

Para além da borda pretensamente humana, para além dela mas de forma alguma sobre uma única borda oposta, no lugar do "Animal" ou da "Vida-Animal", há, de antemão, uma multiplicidade heterogênea de viventes, mais precisamente (pois dizer "viventes" é já dizer muito ou quase nada) uma multiplicidade de organizações das relações entre o vivente e a morte, das relações de organização e de não-organização entre os reinos cada vez mais difíceis a dissociar nas figuras do orgânico e do inorgânico, da vida e/ou da morte. Ao mesmo tempo íntimas e abissais, essas relações não são jamais totalmente objetiváveis. Elas não permitem nenhuma exterioridade simples de um termo em relação ao outro. Segue-se daí que jamais se terá o direito de tomar os animais por espécies de um gênero que se nomearia O Animal, o animal em geral. Cada vez que "se" diz "O Animal", cada vez que o filósofo, ou qualquer outro, diz no singular e sem mais "O Animal", pretendendo designar assim todo vivente que não seria o homem (o homem como "animal racional", o homem como animal político, como animal falante, zoon logon ekhon, o homem que diz "eu" e se toma pelo sujeito da frase que ele profere então a respeito do dito animal etc.), pois bem, cada vez, o sujeito desta frase, este "se", este "eu" diz uma bobagem. Ele confessa sem confessar, ele declara, como um mal se declara mediante um sintoma, ele conduz ao diagnóstico de um "eu digo uma bobagem". E esse "eu digo uma bobagem" deveria confirmar não apenas a animalidade que ele nega mas sua participação engajada, continuada, organizada em uma verdadeira guerra de espécies (DERRIDA, 2002, p.60-61).

Além de criticar a denominação de todas as espécies, fora a humana, como “o animal”, que aproxima todas as espécies e afasta a humana, ele prefere utilizar um termo mais amplo, “viventes”. Dessa forma, ele faz uma aproximação entre as espécies, e deixa clara sua crítica ao conhecimento comum de separação entre animais humanos e não-humanos através da linguagem. Uma das esferas que reproduz a ética da separação e distanciamento. É exatamente pela capacidade negada de linguagem aos outros animais que foi posto em uma só denominação, enquanto os humanos são providos de linguagem e capazes de responder, logo, ele pode superar e dominar o restante dos animais.

Eles se deram a palavra para dispor um grande número de viventes sob esse único conceito: O Animal, dizem eles. E eles se deram essa palavra, concedendo-se ao mesmo tempo, a eles mesmos, para reservar-se, a eles os humanos, o direito à palavra, ao nome, ao verbo, ao atributo, à linguagem de palavras, enfim àquilo de que seriam privados os outros em questão, aqueles que se coloca no grande território do bicho: O Animal [...] Os homens seriam em princípio esses viventes que se deram a palavra para falar de uma só voz do animal e para designar nele o único que teria ficado sem resposta, sem palavra para responder. (DERRIDA, 2002, p.62)

A linguagem torna-se o motivo e a justificativa para o afastamento entre o humano e os outros animais, todas as espécies que não tem a linguagem, são distantes e inferiores aos humanos. Nós somos o humano e eles o animal. Se o ser humano pode falar, ele tem o direito

de classificar e hierarquizar os animais e, se os outros animais não falam, não podem questionar. Se o ser humano fala, é porque ele pensa, se o animal não fala, ele não pensa.

Quem convive com animais não-humanos, sabe que eles tentam se comunicar conosco (da mesma forma que nós tentamos também), ninguém pode negar que um gato, um cachorro, uma vaca ou um porco não tenta se comunicar. É lógico que não conseguem desenvolver palavras ou frases da linguística humana, mas eles “falam” e se comunicam de outras maneiras, através dos sons que produzem com suas bocas, através da expressão corporal e do olhar.

A contribuição que Derrida trás em relação aos “vivos”, em pensar na aproximação das espécies e trazer como ponto de partida o sofrimento, é fundamental para entender o veganismo. A ética do veganismo se baseia bastante na capacidade do sentir e do sofrer das outras espécies, o suficiente para lutar contra a exploração animal e a favor de sua liberdade. Apesar de Derrida não defender uma mudança radicalizante nas relações entre animais humanos e não-humanos, o conceito de “vivos” é totalmente aplicável à ética vegana.

A ética vegana entende os animais não-humanos como sujeitos que devem ser, como os humanos, entendidos como portadores de direitos que prezam pelo seu bem-estar, sua liberdade e sua vida, portanto, não devem ser assassinados e explorados independente da finalidade. Diante disso, a abolição animalista é peça fundamental nessa ética. Para serem entendidos como sujeitos de direitos, os animais não-humanos têm sua condição “animal” aproximada à condição humana. Se ancoram, principalmente, na consciência e no sofrimento, condições entendidas como marca de aproximação entre as espécies. Para subverter a lógica hierárquica de distanciamento entre os humanos e as outras espécies, os pensadores e ativistas do direito dos animais mobilizam visões filosóficas e científicas existentes. Ana Paula Perrota (2021) discorre muito bem sobre essa questão na sua pesquisa sobre os defensores dos direitos dos animais. De acordo com ela, a tentativa é de subverter o pensamento cartesiano que torna o homem um ser superior por ter a mente e o pensar como características unicamente encontradas nele, além disso, os outros animais existem num polo oposto, quase como máquinas que são movidas apenas pelo instinto. Tudo isso atestando a superioridade humana diante os outros animais. Diante disso, o objetivo é defender que os animais não-humanos também são detentores dessa capacidade:

Os defensores refutam essa perspectiva, identificando nos animais a competência primordial que assinala a diferença entre ambos: a capacidade de raciocinar (Perrota, 2016). A mobilização em favor dos animais, aqui discutida, repousa então sobre uma nova percepção ontológica da animalidade em que não haveria uma separação radical entre os vivos, pois os animais também realizariam operações mentais, e, portanto, possuiriam consciência (PERROTA, 2021, p.7).

Para tal propósito, mobilizam o paradigma cognitivista do homem neural/neuronal, nessa teoria, a humanidade está mais atribuída a um caráter biológico, centrado no estudo do cérebro, colocando as outras espécies mais próximas da humana por deter características cerebrais semelhantes. Dessa forma, o ser humano seria um ser da natureza, deixando de lado a explicação metafísica cartesiana:

Essa abordagem contraria a visão de mundo ocidental que pensa a animalidade como o exato oposto da humanidade, pois faz desaparecer o que seriam as capacidades superiores dos humanos perante os animais. A mudança de concepção entre o homem pensante de Descartes e o homem neuronal não significa apenas a transformação de um paradigma filosófico e científico, mas traz consequências morais e políticas, pois tem a possibilidade de estabelecer novas regras, normas e valores que versam sobre a relação entre humanos e animais (PERROTA, 2021, p.9).

Portanto, essa ética se reflete no consumo em geral e na alimentação, na última, com o vegetarianismo ético. Pois, não adianta apenas defender o abolicionismo, a defesa dessa ética deve refletir nos costumes e no consumo (Perrota, 2017). Ou seja, deve-se seguir o que se defende na prática diária, na recusa de qualquer produto ou mercadoria de origem animal. Manter o compromisso performático, aliar a defesa dos direitos dos animais com a prática individual.

2.3 Entre Razões e Emoções

No hall das dualidades do conhecimento ocidental, a razão e a emoção também têm destaque para esse trabalho. Por muito tempo, foi senso comum que a emoção era um estado negativo da mente, tanto na filosofia, na ciência e no senso comum. As emoções eram tidas como um estado natural do ser humano, mais ligado à natureza. Enquanto a razão era um estado de puro raciocínio capaz de agir de forma superior e mais correta a partir dela, além disso, a razão era legada aos homens; as emoções, por sua vez, um estado feminino e das mulheres, atrapalhavam a agência e eram desnecessárias para agir corretamente. Como disse a filósofa feminista Alison Jaggar: “A razão não só se opõe à emoção, mas é associada ao mental, ao cultural, ao universal, ao público e ao masculino, enquanto a emoção é associada ao irracional, ao físico, ao natural, ao particular, ao privado e, obviamente, ao feminino” (JAGGAR, 1988, p. 157). Até hoje, no senso comum, as mulheres são tidas como emotivas e muitas vezes não conseguem tomar decisões baseadas na razão. As antropólogas Maria

Cláudia Coelho e Cláudia Rezende falam sobre a consideração naturalizada das emoções como um aspecto universal da natureza humana como desenvolvem no trecho a seguir:

A convicção de que os sentimentos têm uma natureza universal faz parte do senso comum ocidental, que os considera um aspecto da natureza humana marcado pelas ideias de “essência” - no sentido de uma universalidade invariável - e de “singularidade - como algo que vem do íntimo de cada um.(COELHO, REZENDE, 2010, p.12).

Dessa forma, uma série de equívocos foram cometidos no desenvolvimento do conhecimento sobre a interação e os fundamentos da emoção e da razão. As emoções eram vistas como parte do que se entende como natureza humana, como afirmam Coelho e Rezende (2010, p. 20) “as emoções são fenômenos comuns e naturais a todos os seres humanos. A capacidade de sentir emoções resultaria do equipamento biológico e psicológico inerente à espécie humana e seria, portanto, universal”.

Por esse motivo, das emoções fazerem parte da natureza humana, ligado ao corpo, fora de controle e sua manifestação impossível de gerir, ou seja, uma característica que existe antes da formação das pessoas, nesse sentido, seria universal e invariável, a razão seria a contrapartida, característica adquirida através da cultura e do conhecimento que estaria ligado à mente. Daí surge uma ideia de controle da razão/mente sobre a emoção/corpo. Uma ideia dicotômica e hierárquica que coloca a razão com superior a emoção, e essa deve ser controlada.

A razão como característica da mente permitiria o conhecimento, o planejamento, o progresso, o domínio sobre o mundo natural, do qual o corpo, e também as emoções, fariam parte. O corpo e a emoção podem ser controlados pela mente e pela razão, mas seriam *a priori* mais imprevisíveis, mais involuntários e mais incontroláveis.(COELHO; REZENDE, 2010, p.25).

Apesar de ser uma característica humana ligada à natureza, era exclusivamente da natureza humana, os animais não-humanos não teriam essa capacidade de sentir emoções, logo, também não sentiriam sentimentos que poderiam trazer uma espécie de sofrimento. Isso não era suficiente para tirar seu caráter negativo. As pessoas ou culturas tidas como emotivas, eram classificadas mais próximas aos outros animais. Enquanto a razão seria capaz de elevar o ser humano a um patamar hierárquico mais elevado, fruto da cultura e do progresso das sociedades europeias.

A partir do avanço dos estudos sobre emoções de um ponto de vista sociológico e antropológico, foi possível desmistificar vários pontos desse conhecimento que foi construído e entendido como senso comum por muito tempo. As emoções nos permeiam, fazem parte da nossa vida, sempre estão lá, não representam necessariamente fraqueza ou falta de ação, elas

representam uma infinidade de coisas e nos fazem agir em várias situações, a emoção não é o lado negativo ou que atrapalha a razão. A emoção é um estado de ação. O filósofo Didi-Huberman que entende as emoções como ações pela influência que elas têm nas nossas expressões fala o seguinte: “Mas se a emoção é um movimento, ela é, portanto, uma ação: algo como um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 26).

O caráter social é muito forte na construção do que são e como se dão as emoções, a ética, a moral e a linguística são alguns dos principais marcadores sociais que colaboram na construção das emoções.

Assim há pré-condições complexas, algumas linguísticas e outras sociais, para a experiência, isto é, para a existência das emoções humanas. Aquelas que experimentamos refletem formas predominantes de vida social[...] Há uma consciência de que a culpa ou a raiva, a alegria ou o triunfo de qualquer indivíduo pressupõem a existência de um grupo social capaz de sentir culpa, raiva, alegria ou triunfo. Isso não quer dizer que as emoções do grupo precedem historicamente ou são logicamente anteriores às emoções dos indivíduos; quer dizer que a experiência individual é simultaneamente experiência social. (JAGGAR, 1988, p.164).

Existem marcos sociais que moldam a forma e em relação ao que as emoções são sentidas. Esse é um conceito importante para compreender como os veganos adquiram essas reações emocionais já que grande parte da sociedade acredita que humanos são superiores a animais não-humanos ou que esses animais são apenas objetos, independente se para a alimentação ou uma mercadoria comprável para saciar a falta de companhia ou solidão como um *pet*.

Jimeno (2010) desenvolve um trabalho sobre a categoria “vítima” na Colômbia, através desse trabalho, ela desenvolve teorias sobre a comunidade emocional e linguagem emocional e as utiliza para analisar a "vítima", muito importante para entender politicamente e emocionalmente grupos políticos minoritários. A comunidade emocional se torna um mecanismo importante na luta e nas ações, dessa forma, a partir do momento que compartilham um universo ético, moral e emocional, podem compartilhar experiências e dores. Quando a emoção é compartilhada e compreendida por todos, o grupo se torna mais coeso.

A linguagem do testemunho pessoal conforma comunidades no sentimento, por mim chamadas de comunidades emocionais, de moralidade, fundadas numa ética do reconhecimento. A categoria de vítima é, portanto, o decantado simbólico e o ponto de confluência desse processo de reconhecimento (2010, p.99).

Por esse motivo, ao compartilharem determinado universo emocional, eles formam uma verdadeira “comunidade emocional”, diante disso, pode-se formar uma “linguagem

emocional”. De acordo com Jimeno, “a linguagem emocional não é apenas “sentimento”, mas um veículo para as relações sociais e também um juízo sobre o mundo. As emoções são, pois, avaliações ou juízos de valor” (Jimeno, 2010, p.114). Com isso, ao se expressar emocionalmente, como chorar decorrente de alguma situação emocional, não é apenas a expressão desse sentimento, mas também uma linguagem que nos conecta e uma forma de veicular as emoções.

3. O CHORO TAMBÉM É LUTA?

O foco da análise deste capítulo será no campo mais importante que pude acompanhar, mas não se fecha apenas nele. Esse campo foi a ação da “Primeira Marcha pelo Dia Mundial do Veganismo - Recife” realizada no dia 2 de novembro de 2019 com sua concentração marcada para ocorrer em frente ao Banco do Brasil na Avenida Rio Branco localizada no bairro do Recife Antigo, próximo ao Marco Zero às 14 horas. A Marcha foi um evento em homenagem ao dia mundial do veganismo, celebrado no dia 1º de novembro. Essa data foi cunhada pela ativista Louise Wallis que, naquela época, era a presidente da The Vegan Society, entidade fundada em 1944, conhecida como a primeira organização vegana do mundo. O tema do evento era “contra o especismo/ pelo direito à vida”, pois o tempo todo há mortes de muitos animais nos abatedouros dentre outras vias de exploração, então, acabar com isso só será possível a partir da luta pela libertação animal através do fim do especismo, o que deve ser o foco da luta do veganismo. A Marcha tinha o intuito de conscientizar as pessoas sobre o especismo e o direito à vida dos animais, disseminar a luta abolicionista, como também mostrar que o veganismo é possível e acessível para a população independente da classe social, não sendo um estilo de vida elitista. Foi organizado pelos grupos 269life Nordeste e o Vozes em Luto Nordeste, mas foi aberto para outros grupos ou pessoas que quisessem participar, inclusive com microfone aberto. Através dela, pude perceber como as emoções fazem parte das ações dos ativistas.

Um breve relato etnográfico da Marcha



Figura 1 - Acervo pessoal

Ao chegar no local mercado, por volta das 14 horas, me deparei com um grupo de 15 pessoas, praticamente todas vestidas com roupas pretas e uma pessoa fantasiada de vaca. No local, havia bandeiras (com dizeres “antifascista”, “antiespecista” e “libertação animal”), faixas (com imagens chocantes de sofrimento animal, frases como “marcha pelo dia internacional do veganismo” e “o especismo mata mais de 70 bilhões de animais por ano, na dor, todos são iguais!”), caixa de som e megafones. Pareceu-me que a maioria daquelas pessoas eram de movimentos antifascistas e punks, principalmente pelo vestuário e estilo característico. Cabelos pintados e moicanos, roupas pretas, casacos com espinhos e adesivos que remetem a esses movimentos, bem como tatuagens relacionadas a esses movimentos e ao veganismo. Nesse momento que cheguei, havia uma mulher falando, no megafone, sobre a realidade dos animais utilizados para produzir carne e leite, vivem como escravos apenas para sofrer, passam por condições extremamente precárias, sofrimento, estupro e assassinato. Além disso, explicou sobre o especismo que coloca algumas espécies de animais acima das outras com um status de superioridade e dominância, ou seja, que algumas vidas importam mais que outras e determinadas vidas não têm o mínimo de importância. Então, por pautar o mundo através do especismo, as relações entre os humanos e os outros animais geram privação de liberdade, exclusão e assassinato.

Outra mulher assumiu o megafone e falou sobre veganismo popular, explicando que ela é pobre, da periferia e mora no bairro do Ibura e isso não atrapalha em nada ela adotar uma postura vegana, porque o que é mais caro na feira é a carne e os laticínios. Dessa forma, o veganismo não é burguês, isso é uma distorção que existe, a luta é pelos animais, não é burguesa nem mercadológica. O objetivo é levar o veganismo para a periferia. Falou que, para eles, pode ser na favela ou no bairro rico, estarão sendo as vozes dos animais. Por essas falas, nota-se o caráter anticapitalista do veganismo defendido nessa manifestação.

Em seguida, um rapaz pegou o megafone para dizer que aquele megafone é aberto, todos que desejarem podem falar, explicou que o movimento é democrático. Então começou a falar um pouco sobre o movimento “269”, que ele é criticado por ser radical e por criticar o veganismo estratégico¹¹. Em sua perspectiva, pelo “269” ter uma postura firme e mostrar a realidade do sofrimento, é visto como extremista, mas, para ele, extremismo é escravizar e matar os animais, não o que eles fazem. Além disso, falou do veganismo abolicionista, que é contra todos os tipos de opressões. Já que o veganismo é a luta pela libertação animal,

¹¹ O veganismo liberal é uma visão voltada ao mercado, seus adeptos entendem que o veganismo terá sucesso através do consumo, ou seja, quanto mais demanda por produtos veganos proporcionado pelos consumidores, mais oferta haverá desses produtos e menos produtos de origem animal.

também é uma luta contra as opressões existentes nas relações dos animais humanos, logo, combatem todas as formas de opressão independente da espécie animal, todos e todas têm direito à vida e à liberdade. Explanou ainda que os animais não-humanos não existem para satisfazer os humanos, eles existem para satisfazer suas próprias existências. Após terminar seu discurso, frisou que o megafone é aberto para qualquer pessoa que quisesse compartilhar suas experiências e mais algumas pessoas também continuaram a falar no megafone. Durante esse mesmo tempo, eram distribuídos panfletos informativos sobre o especismo e o sofrimento animal para qualquer pessoa que passasse ou estivesse por perto. No panfleto (ver Anexo A), além de informações sobre o especismo e a luta abolicionista, havia uma sugestão para assistir um documentário da seguinte forma: “CONHEÇA A VERDADE, ASSISTA AO DOCUMENTÁRIO: DOMINION”¹².



Figura 2 - Acervo pessoal

A concentração continuou até às 15h, aproximadamente, então uma das organizadoras informou acerca de uma homenagem para todos os animais mortos por conta do especismo. Todos que estavam na concentração foram incentivados a participar da ação. Foi nesse momento, que também fui convidado a participar, até ali, eu estava observando um pouco mais distante, não pensei muito, guardei meu caderno de anotações, peguei um dos cartazes que o organizador me ofereceu, nele, estava escrito “leite é assassinato” e uma imagem de uma vaca sofrendo com lágrimas saindo de seu rosto.

¹² Esse documentário promete mostrar o lado sombrio da indústria que explora os animais, além de questionar a suposta dominação humana sobre as outras espécies. O documentário contém várias imagens chocantes da indústria de exploração animal.

A dinâmica da homenagem consistiu nas pessoas se concentrarem sentadas com cartazes e faixas para os animais escravizados e assassinados diariamente, uma música triste foi posta na caixa de som e flores colocadas no chão. Uma das organizadoras falava sobre o que as vacas sofrem diariamente para gerar leite, que são “estupradas” e forçadas a “engravidar”¹³ pelo resto da vida até não aguentar mais e para então serem assassinadas. Falava ainda que os bezerros são separados da mãe para morrerem e servirem de carne de vitela ou se forem fêmeas para seguir o mesmo destino da mãe, sugar leite dos seus seios até não conseguir mais. Algumas pessoas se emocionaram ao ponto de chorar. A mulher que falava ao microfone chorou também, no momento, ela dissertava sobre animais mortos que ela havia visto dias atrás, então não conseguiu dar continuidade ao discurso, diante disso, duas pessoas a abraçaram nesse momento. Pareciam, as três, compartilhar a dor, a tristeza e o luto sentido por ela em relação aos animais assassinados, ao mesmo tempo que dava conforto e suporte para aquela mulher. Ao final desse momento, foi realizado 1 minuto de silêncio em homenagem a todas essas vidas perdidas e que sofrem até hoje. Nesse momento, a “linguagem emocional” foi compreendida e compartilhada pelo grupo, através dos discursos e compartilhamento de experiências.

O choro aqui, não é apenas uma manifestação espontânea dos sentimentos, mas está coberto de significados e símbolos. Ao chorar, aquela mulher demonstrou que aquelas vidas de animais não-humanas também importam e que elas existem, por isso ela deve ser sentida e não devem ser invisibilizadas. São vidas que merecem o seu luto pela violência que elas sofrem.

Em seguida foi organizada a Marcha para seguir em direção ao Marco Zero, nesse momento, já havia chegado mais pessoas, a marcha teve cerca de 50 participantes. Nesse momento, um dos organizadores veio conversar comigo e perguntou se eu não queria participar da Marcha e continuar segurando cartazes, não pensei muito e aceitei o novo convite. Peguei um dos cartazes que continha uma foto de uma vaca assustada e escrito “eu também mereço viver”. Nesse momento, além de observar as pessoas dentro do ato, também foi possível observar as pessoas de fora e como elas reagiam.

¹³ Apesar dos termos “estupro” e “engravidar” sejam relacionados à experiência humana, os ativistas utilizam esses termos para descrever o que os animais não-humanos da indústria passam como recurso de aproximação aos humanos, talvez para despertar um senso de empatia entre as espécies, na medida que passam pela mesma situação. Logo, se isso fosse com as humanas não seria inaceitável e considerado uma violência com direito a sanções legais.



Figura 3 - Fonte: Ivan Dourado

Foram ensaiados alguns gritos de “guerra” como “Carne é sofrimento”, “carne é assassinato”, “queremos a libertação animal”, “é pelos animais”, “leite é infanticídio”. A Marcha seguiu em direção ao Marco Zero, enquanto isso, mais panfletos eram distribuídos às pessoas que passavam. Percebi um grupo de três homens que passaram rindo e apontando para Marcha, nesse momento, um dos organizadores foi conversar com eles e entregou um panfleto, então os homens mudaram de semblante e ficaram sérios em consequência dessa atitude que eles não esperavam. No megafone, as pessoas informavam sobre o sofrimento animal e como se alimentar e eliminar os derivados de animal. Pelo caminho, todas as pessoas de fora, transeuntes, paravam para prestar atenção, inclusive, algumas batiam palmas. Com a chegada ao Marco Zero, as pessoas fizeram um círculo para expor todos os cartazes e faixas. Dois homens começaram a falar no megafone, explicando novamente o sofrimento que os animais passam para a satisfação humana, informando sobre a alimentação que não é cara, inclusive, mais barata. O homem falava que o veganismo não é coisa de rico e burguês, não é para satisfazer o consumismo. O veganismo é popular e a alimentação tem tudo que vem da terra, como o básico da alimentação nordestina, feijão e arroz.

O segundo homem destacou a questão dos produtos de limpeza, higiene pessoal e cosméticos ligados à exploração animal. Bradava que várias marcas testam em animais apesar de não ser mais necessário e ter provas que não é o método ideal para saber da qualidade do

produto. Explicou que os produtos veganos são mais baratos na maioria das vezes, mostrou seu cabelo pintado informando que foi feito com produtos veganos. Enquanto isso, as pessoas que carregavam faixas, bandeiras e cartazes mantiveram o semblante de seriedade. Havia muitas pessoas nesse local, o público que frequenta essa área é bem diversificado, pessoas de vários gêneros, cor, idade e classe sociais, estavam pelo lazer ou pelo trabalho. A maioria das pessoas estava ouvindo e prestando atenção nos discursos.



Figura 4 - Fonte: Ivan Dourado

Após esse momento, a Marcha seguiu em direção aos restaurantes localizados ao lado do centro do Marco Zero, são restaurantes frequentados principalmente por pessoas de classe média alta e ricos, e parou em frente a um deles, onde as pessoas estavam comendo. Quando os discursos começaram, as pessoas nas mesas na parte externa do restaurante começaram a prestar atenção, pude perceber duas mulheres rindo da situação, mas a maioria das pessoas tentou ouvir o que se falava, havia uma banda com música ao vivo, ela parou de tocar nesse momento em respeito à Marcha. A maioria dos discursos feitos anteriormente se repetiram. Então, uma nova pessoa pegou o microfone, acredito que era uma mulher trans negra, junto a ela, também havia mais duas mulheres, todas com capuz na cabeça cobrindo os seus rostos. Ela se posicionou na frente do restaurante e sentada em uma faixa ficou. Então, começou a falar das estruturas de poder que o veganismo também combate essas estruturas, é anticapitalista e antisistema, que não há como haver uma libertação total no capitalismo e propriedade privada, que o veganismo luta pelo fim dessas estruturas que mantém a homofobia, racismo, machismo e o especismo, é uma luta pela abolição de todas as

explorações. Senti que o ambiente ficou um pouco tenso, não sei se todas aquelas pessoas estavam abertas a aquele tipo de discurso. Para encerrar, um dos organizadores começou a explicar o motivo da Marcha, que não estavam ali para apontar o dedo na cara e nem acusar ninguém, apenas estavam mostrando qual é a realidade e terminou agradecendo a atenção das pessoas. Algumas pessoas bateram palmas e a Marcha seguiu dando mais uma volta nas ruas paralelas, voltou e terminou no Marco Zero.

No final, o último discurso foi feito retomando algumas questões que já haviam sido ditas, então, um dos organizadores agradeceu a presença de todos e pediu uma salva de palmas para as pessoas que ali estavam. Em seguida, os organizadores pediram para todos se juntarem para tirar uma foto, todos se juntaram e após a foto, o evento foi encerrado.



Figura 5 - Fonte: Ivan Dourado

Algumas questões sobre as Emoções na Marcha

As ações políticas estavam substancialmente ligadas às emoções, os discursos transbordavam emoções. Toda a Marcha tinha um clima pesado e de luto. Tanto cartazes com frases “carne é assassinato”, “leite é estupro”, “leite é infanticídio” como também as imagens de animais sendo assassinados ou torturados, bem como áudios de animais nesse momento de sofrimento. Essas frases tem um caráter de elevar os viventes não-humanos ao patamar dos

humanos, categorias como “assassinato”, “estupro”, “infanticídio” que se referem a experiência humana, pelos ativistas, recebe um significado mais amplo que, não se limita ao humano, na tentativa de igualar a importância da vida e da liberdade entre viventes. Entender a relação especista e de exploração entre os viventes como uma forma de violência também. E, com isso, tentar despertar a empatia nas pessoas.

A própria forma que se dava o evento era para evocar as emoções dos participantes ou das pessoas que passavam próximas. Aparentemente, o que fez aquelas pessoas considerarem o veganismo foi a influência das emoções que sentiram ao descobrir o sofrimento animal diário e infinito apenas para saciar uma cadeia de lucro e bem estar utilitarista e entender essa relação como violenta, com isso, a tentativa também era de despertar esse tipo de sentimento nas pessoas ou até encontrar conforto ao compartilhar essas emoções. Dessa forma, os participantes podem afirmar e reafirmar o veganismo, uma forma de manter a chama da luta acesa dentro de si, na medida que vivem numa realidade que coisifica os animais não-humanos, visualizar, lembrar e compartilhar se torna esse mecanismo. Uma das intenções é compartilhar esse sofrimento com as outras pessoas, por isso se utilizam de imagens e sons do sofrimento animal. Além disso, sempre é aconselhado o conhecimento de documentários que revelam o sofrimento animal, como o sugerido nessa marcha, o documentário “Dominion”.

Como Derrida (2002) e Perrota (2011) já haviam demonstrado, uma das formas de tentar a aproximação entre viventes é através do sofrimento, por isso, trazer esses momentos de sofrimento de animais na indústria é um recurso utilizado com recorrência pelos ativistas e movimentos de libertação animal. Pois, dessa forma, é possível revelar umas das faces da exploração animal que se mantém oculta pela indústria e no senso comum. Mas, não é somente revelar, mas estimular as pessoas a se sensibilizarem com o sofrimento dos demais viventes, como desenvolve Perrota (2011, p.17), “buscam através da dimensão do sofrimento não só um alargamento da fronteira moral que separa humanos e não humanos, mas também “sensibilizar” as pessoas para a ação efetiva em favor dos animais”. Na Marcha, as emoções são fatores que estimulam o agir político em defesa da libertação animal.

Nesse evento, a maioria das pessoas estavam de preto, simbolizando o luto pelas milhares de vidas assassinadas todos os dias, todos os discursos e falas traziam o luto, a dor, a tristeza e a revolta, mas também com uma dose de esperança em relação às mudanças na tentativa de compartilhar esses conhecimentos e essas emoções com as pessoas fora dessa bolha e com isso, fazer com que as pessoas compreendam essa realidade, “dar voz aos seres que não tem voz” e invisibilizados.

Mas, não é somente ao compartilhar esse sofrimento e torná-lo visível que a mudança pode ser feita, pois, há formas de vida que são entendidas como exploráveis na construção social de nossa realidade ocidental. De acordo com Ana Paula Perrota, “não são apenas os muros de concreto que “escondem os maus-tratos” conferidos aos animais, conforme as denúncias dos movimentos de libertação animal, mas processos sociais e políticos que fazem do abate de animais para a produção de alimentos uma ação não violenta” (PERROTA, 2011. p. 17). Não somente para a produção de alimentos como Perrota exemplifica, mas em toda cadeia de produção de bens de consumo, “animais” são feitos para sofrerem todas as formas de exploração, independentemente de sofrerem ou não. A objetificação e coisificação dos animais na indústria começa desde antes do nascimento. Portanto, mesmo que esse sofrimento seja desmascarado, não é o suficiente para efetivar essa mudança, principalmente para naturalização dessa relação de exploração e invisibilização dos animais.

Uma pesquisa muito interessante realizada pela antropóloga Maria Dantas (2016) deve ser destacada. Ela acompanhou a criação de porcos na região do Seridó no Rio Grande do Norte, um processo que pode ser descrito como artesanal, pois os chiqueiros são instalados nos fundos das residências na maioria das vezes e envolve uma série de atores em colaboração com os criadores. Como a criação é feita na residência dos criadores, é formado um vínculo muito forte entre os criadores e os porcos. Segundo Dantas (2016), é desenvolvido um processo de humanização dos porcos pela forma que são bem cuidados e tratados, inclusive recebendo nome dos seus criadores. Dessa relação, são formados laços de afetividade. Por isso, muitos dos criadores se sentem ressentidos em participar dos abates, pois desenvolvem um afeto real pelos porcos e não sabem lidar com a situação do abate.¹⁴

Diferentemente da indústria, os criadores de porcos do referido trabalho desenvolvem uma relação de afeto e "humanização" com seus animais de abate, dificultando seu trabalho. Mas, mesmo com a criação desse vínculo, é necessário retirar a “humanidade” e a “animalidade” do porco para completar o processo de abate. Os criadores desenvolvem vínculos afetivos e sabem da existência do sofrimento do animal de criação, mas isso não é suficiente para evitar o destino deles. É naturalizado que os animais não-humanos existem para ser explorados, mesmo que se crie vínculo com algum deles, “eles são comida”. Portanto, é necessário desenvolver politicamente e socialmente essa narrativa de quebra de

¹⁴ Vale destacar mais uma vez o trabalho de Sahlins (2003), na medida que o autor já havia discutido a relação de alimentação e afetividade, na medida que a humanização e a desumanização está totalmente relacionada ao negar ou aceitar a carne de determinados animais. Como por exemplo, a repulsa dos norte-americanos ao pensarem em se alimentar ou comercializar a carne de cachorro ou o protesto de parte deles em relação à oferta de carne de cavalo.

realidade naturalizada, o que não é uma tarefa fácil. É necessário não apenas revelar, mas também ressignificar. Por isso a importância de algumas prerrogativas do veganismo popular, na medida que enxergam como fundamental a união e a construção com outros movimentos sociais e se fundamentam na força social e poder popular.

Como elemento importante na política, as emoções tornam possível a união desse grupo, principalmente dos veganos ativistas. Encontram união e conforto ao compartilhar o luto, a dor, revolta e o sofrimento. Formam uma verdadeira “comunidade emocional”, o termo cunhado por Jimeno (2010), se torna um mecanismo importante para compreender a luta e as ações, dessa forma, a partir do momento que compartilham um universo ético, moral e emocional, podem compartilhar experiências. Apesar de Jimeno analisar a categoria “vítima”, os conceitos que ela desenvolve são aplicáveis ao ativismo vegano. Quando a emoção é compartilhada e compreendida por todos, o grupo se torna mais coeso. Diante disso, é formada uma “linguagem emocional”, os conceitos e a dor são compartilhados em categorias como o luto, assassinato, exploração em relação aos animais não-humanos, em resumo, tudo que tenha relação com o sofrimento dos animais não-humanos. No momento que a mulher chora ao falar do sofrimento das vacas e outras mulheres a abraçam chorando também, ela está veiculando uma mensagem e um significado e a sua compreensão de mundo, nesse sentido, as demais mulheres entenderam o significado daquilo e responderam, todas elas compreendem aquelas vidas passivas do luto e do choro delas. É possível perceber que compartilham uma “linguagem emocional”, a base dessa linguagem é compartilhar as emoções de empatia pelo sofrimento dos animais não-humanos e entender aquelas como vidas dignas de luto. Através da linguagem reconhecida, as emoções são compartilhadas. Ao compartilhar histórias e conceitos que fazem sentido para todos do grupo, também compartilham essa “linguagem emocional”. Também é possível perceber que, à medida que essa linguagem é compartilhada com pessoas de fora do grupo, a reação pode ser oposta e de estranhamento, por não compreenderem os termos dessa linguagem. Isso foi perceptível nos olhares e expressões de pessoas que passavam próximas e paravam para observar. Apesar de boa parte das pessoas parecerem respeitar, sempre havia esse tipo de postura de estranhamento, reprovação, ridicularização e chacota. Assim, é impossível negar a relação das emoções com a ação política. Podemos dizer que as emoções são essenciais para a ação política, sem formar essa comunidade emocional nem compartilhar a linguagem emocional, a ação política não seria eficiente, talvez até a formação desses grupos não seria possível.

Um “click”!: como se tornar um vegano

Durante o processo de coleta de dados, realizei uma entrevista com Paulo, um produtor de lanches veganos e ativista, principalmente por ser vegano há algum tempo e conhecer boa parte da comunidade vegana da região metropolitana do Recife. Muitas partes da entrevista ficaram repetitivas ou desconexas deste trabalho, parecia desnecessário incluí-lá. Mas uma parte dela foi bastante interessante e a escolha de incluir esse fragmento da entrevista tem caráter de complementar o que foi observado e interpretado na Marcha, na medida que algumas das intenções principais da Marcha são conscientizar, sensibilizar as pessoas e dar voz à causa, o tornar-se vegano faz parte desse processo.

Uma categoria que foi interessante e recorrente na entrevista foi o **click**, como foi dito por Paulo. Esse **click** acontece quando a pessoa adquire consciência e percebe os animais de forma diferente do que é posto pela sociedade em geral, pensar nos animais além da exploração e consumo, pensar os animais como seres que pensam, que sofrem, que ficam felizes, que sentem tudo que os animais humanos sentem, é essa percepção que muda a forma das pessoas pensarem, é um passo além do “comum”. Podemos pensar o **click** como uma ponte entre a percepção de mundo e as emoções e a consciência. É um marco que quebra a forma especista de pensar a relação com os animais para uma consciência que recusa essa lógica normalizada na sociedade. Pode-se pensar nos animais não-humanos de forma mais aproximada, pensar nas igualdades mais que as diferenças. As igualdades são suficientes para incluir os animais não-humanos numa ética de igualdade de direitos à vida e à liberdade. Semelhante a forma de Derrida (2002) questionar os limites entre animais humanos e não-humanos, pensar na aproximação de todos como “vivos”, não buscar as diferenças, como se conseguem pensar semelhantes aos humanos ou se conseguem desenvolver linguagem e falar, pois não somos superiores por determinadas características diferentes e por isso temos o direito de subjugar-los. Reconhecer as semelhanças no **sentir** as emoções, a dor e o sofrimento.

É o **click** que a pessoa não ligou ainda, não consegue ligar ainda. Sei lá, seus desejos com a vida, tipo de outro ser e sentir o sofrimento dele. Só isso, acho que a pessoa não fez a ponte ainda, não ligou ainda, sabe? A pessoa tem a informação que aquilo ali era uma vida, tem “po”, mas ainda não sentiu, não deu aquele despertar ainda. Antes de virar vegetariano, eu sabia que a carne era uma vida, mesmo assim eu comia. Quando eu comecei a me importar depois, eu já me importava. É como se eu sentisse que, como se eu quisesse buscar sentir a dor daquele animal. A única diferença é que a pessoa não fez uma ligação direta. Mas rola, no dia que ela fizer essa ligação, é de um dia pro outro, você fica tão impactado. A mudança é meio que inevitável, um dia vai chegar para as pessoas. (Paulo)

Ninguém se torna vegano do nada, a pessoa tem que perceber outras lutas e reivindicações, sentir o sofrimento do outro, isso é percebido no caráter dos ativistas que

cobram uma postura contra todas as formas de opressão e exploração, de todos os animais não-humano e humanos. Ao perceber essas questões, é certo perceber uma postura no mínimo voltada ao combate do sistema assim posto, dessa forma, apesar de existir espaço para visões neoliberais. Entre os veganos, no geral, há pessoas de várias visões políticas, mas não há pessoas que não percebam outras lutas. É uma pessoa que sente empatia, consegue perceber e sentir questões além das dela e perceber que vivemos em uma sociedade totalmente desigual, opressora e exploradora. As emoções se tornam essenciais nessa questão, conseguir se colocar no lugar do outro, o outro como qualquer animal independente de ser humano ou não-humano, que esse outro que sofre, sente alegria, sente medo, sente tristeza. As emoções se tornam um elo para entender e combater o sofrimento do outro.

Nas palavras de Paulo, podemos perceber esse caráter no veganismo:

Acho que é totalmente ligado, acho que uma pessoa que não é engajada com proteção ambiental ou direitos humanos, seja qual for a luta dos direitos humanos, seja racial ou pelos direitos das mulheres ou seja pela ascensão do pobre. Se a pessoa não é engajada com nada ou não pensa em nenhuma dessas outras causas, dificilmente chega no veganismo. Porque você tem que ter uma sensibilidade grande com, eu acho né, que o ser humano precisa ter uma sensibilidade maior com o que você realmente precisa pra depois se importar com animais que na cultura são inferiores entre aspas, acaba se preocupando primeiro com o meio ambiente que sem ele a gente não vive, é meio que uma forma de um egoísmo assim, o respeito entre as pessoas, a luta social e tal. Acho que no fundo, no final que a pessoa começa a englobar os animais no meio da luta. É minha forma de ver assim, eu acho. Que até hoje é difícil ver um vegano que não se importa nem um pouco com o meio ambiente ou que não se importa um pouco com a luta das mulheres ou com os negros, até hoje eu não conheço. Seja, um que seja, sei lá, “vei”, vegano mesmo assim. Por que, quando é pela saúde, a pessoa para de comer carne e pronto, não liga pra muitas coisas né? Sei lá, bota de couro, não tá nem aí, é mais pela sua saúde mesmo. Para entrar no veganismo tem que ter uma vontade de ajudar, de se importar com os outros. (Paulo)

Podemos pensar o **click** como uma categoria que aciona o **sentir**, a empatia interespecífica, quando há o sentir a dor do outro, sentir o sofrimento do outro, entender aquela vida como próximo a sua, se importar não apenas com os humanos, mas com os demais animais. Assim compreendemos que as emoções em relação aos animais são acionadas e dão força ao agir político. O ativista vegano age também através dessas emoções. As emoções atreladas a forma de entender as relações entre animais humanos e não-humanos tornam a ação política possível. Seria impossível separar o veganismo ativista das emoções. Pois, o que torna o laço entre todos os animais é o **sentir** e **as emoções**. O **sentir** tem uma dupla operação, na medida que é entendido que os animais não-humanos sentem as emoções, as dores e o mundo, e na medida que sinto o que o outro sente. Dessa forma, há o tornar-se “vegano”.

4. VEGANISMO PRA QUÊ?

O termo veganismo surgiu na década de 1940 através da organização “The Vegan Society” e nas décadas seguintes recebeu grandes acréscimos teóricos e políticos pelos movimentos e pensadores mais radicais, principalmente em relação a críticas às indústrias. Dessa forma, o veganismo é uma resposta contracultural aos problemas trazidos pela modernidade, onde a relação entre animais humanos e não-humanos foi racionalizada e utilitarista ao máximo, a maximização da produção e do lucro em escala industrial na lógica capitalista. Adams(2012) deixa claro a relação do capitalismo com o especismo ao dar o exemplo da relação da linha de montagem com o matadouro de animais:

A divisão do trabalho nas linhas de montagem deve seu início à visita de Henry Ford à linha de desmontagem do matadouro de Chicago. Ford atribuiu a ideia da linha de montagem às atividades fragmentadas da matança de animais a que assistiu: “A ideia me ocorreu ao observar o carrinho de transporte aéreo que os frigoríficos de Chicago usam para preparar a carne”[...] Uma das coisas básicas que precisam acontecer na linha de desmontagem de um matadouro é que o animal deve ser tratado como um objeto inerte, e não como um ser vivo, que respira(2012, p. 87-88).

Exemplo dessa relação são os grandes frigoríficos como a Seara Alimentos e a JBS no Brasil. Os animais para abate ou para qualquer fim utilitarista e de exploração perdem sua característica de ser vivo para se tornar apenas um objetivo para saciar as necessidades humanas e o lucro. O veganismo é uma virada moral e ética que questiona essas explorações e a superioridade humana em relação aos animais-não humanos. Segundo Juliana Abonizio(2013), é possível perceber um caráter contracultural no veganismo:

Os veganos questionam um dos fundamentos da sociedade naturalizados ao longo de muito tempo; justamente, questionam a relação entre homem e natureza e, ainda mais, questionam o antropocentrismo que marcou toda a fundação da modernidade. Nesse sentido, o veganismo atua de forma contracultural (ABONIZIO, 2013, p.195).

O veganismo, além de contracultural, desde o seu início, tem um caráter abolicionista em relação aos animais não-humanos, diferentemente de outras visões. De acordo com o texto da bióloga Paula Brügger (2009) ao resumir as ideias do Filósofo Tom Regan, destaca o veganismo como abolicionista nas relações entre animais humanos e não-humanos, nesse sentido, se diferencia totalmente do reformismo, na medida que o abolicionismo exige o fim de toda exploração :

Entre os defensores dos direitos animais destaca-se o filósofo Tom Regan, um crítico da visão utilitarista. Para ele, existem basicamente três posturas distintas na relação seres humanos-animais: a abolicionista, a reformista e a de defesa do status quo. Os partidários da primeira exigem o fim da exploração de animais, seja como alimento, como cobaias, ou na natureza. Os reformistas visam tão-somente a um

aprimoramento dos padrões de tratamento dado aos animais, como jaulas e gaiolas mais amplas, uso de anestésicos etc. (BRUGGER, 2009, p.202).

A busca é pela quebra da total exploração, não apenas uma melhora na qualidade de vida, pois consideram todos os animais iguais em direitos, direito à vida e à liberdade, ao passo que a visão abolicionista é a base do veganismo. Apesar do veganismo passar uma impressão de unidade, há algumas ideologias que disputam as narrativas de combate à exploração. As que pude perceber e observar são a estratégica (pragmática), a abolicionista e a popular.

4.1 Veganismo Estratégico x Veganismo Abolicionista

Para compreender essas duas visões, observei um grupo do *Facebook* “VegAjuda - Veganismo”, o propósito do grupo é ajudar quem tem interesse em iniciar ou iniciantes e outras pessoas que tinham dúvidas em relação ao estilo de vida vegano, também com apoio e assistência aos que já vivem esse estilo de vida, os moderadores e moderadoras do grupo já o colocam como um grupo vegano abolicionista, apesar disso, sempre aparecem pessoas com outras visões. Também foi possível acompanhar alguns influencers digitais que são veganos estratégicos.

Para os adeptos do veganismo estratégico (ou liberal), como vivemos numa sociedade capitalista e carnista, devemos buscar a maioria das formas de ajuda ou de “melhoria” e, a partir disso, a realidade pode ser alterada aos poucos através do consumo e com auxílio das grandes empresas na oferta de produtos. Por exemplo, são a favor das empresas, mesmo os grandes frigoríficos como a Seara ou a Friboi possuem suas linhas “aptas a veganas”, ou seja, não ter ingredientes de origem animal ou testes em animais, enxergam isso como mudanças na sociedade que um dia podem levar a libertação animal, pois, quanto mais produtos aptos para veganos existir e quanto mais empresas forem aptas a isso, mas o veganismo ficará percebido na sociedade. Uma ideia de oferta e demanda, se mais produtos “veganos” são feitos e o consumo aumenta, a produção de produtos não veganos diminuirá. Logo, tem um caráter mais reformista e muitas vezes relacionado aos neoliberais e está de acordo com as práticas capitalistas. Exemplificado a seguir:

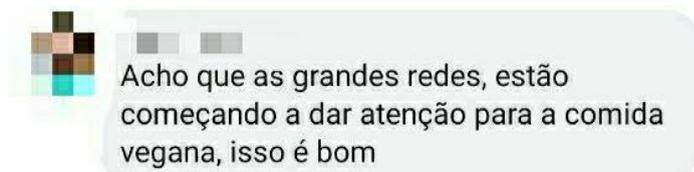


Figura 6 - Printscreen do facebook

Hoje em dia, muitos influenciadores digitais e blogueiras são alinhadas a essa visão, pois recebem patrocínio dessas empresas e divulgam esses produtos como aptos a veganos e veganos, além de formar uma visão muito mercadológica e acrítica do veganismo. Há o caso dos influenciadores que não recebem dinheiro para divulgar essas marcas, mas já são formados numa visão do veganismo estratégico ou apolítico. Além de trazer uma ideia que não existe “veganismos”, mas apenas um veganismo, como se não houvesse visões ideológicas divergentes. Segue um debate que aconteceu quando um influenciador vegano divulgou em sua página que a marca Nestlé lançará um leite condensado (o leite moça) a base vegetal:



Até o momento, a novidade chega na versão 240g e em breve deve estar disponível para compra nos principais pontos de venda do país.

Essa é uma nova opção para aqueles que querem substituir o leite de vaca sem deixar de comer os doces que já estão acostumados!!

Figura 7 - Printscreen do instagram



Figura 8 - Printscreen do instagram

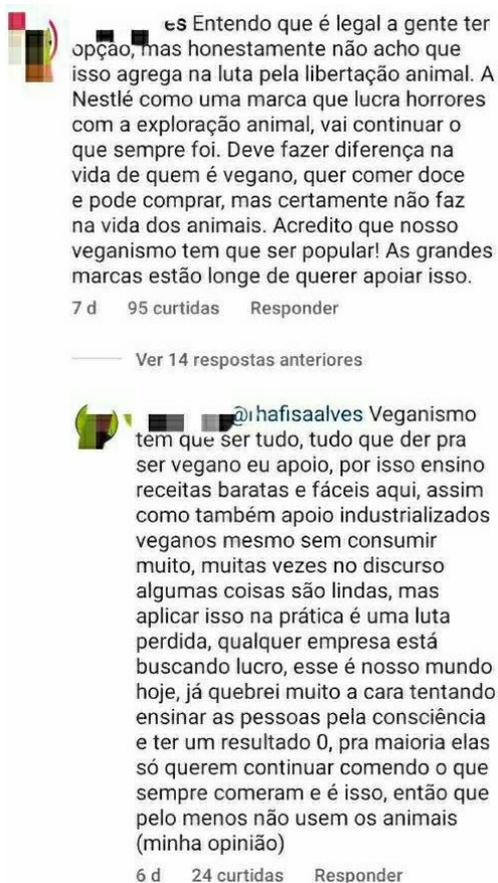


Figura 9 - Printscreen do instagram

 [@everton_uk](#) sim, infelizmente são poucos que pensam no coletivo.
6 d Responder

 [@everton_uk](#) essa perspectiva é muito limitada. Certamente não acho que tem "proibir" a produção de determinados produtos para que não se consuma, mas essa relação é mais complexa do que isso. Sobre a Nestlé especificamente, recomendo que você leia e acompanhe o [@ojoioetrigo](#) e a querida [@comidasaudavelpratodos](#) que trazem críticas muito pertinentes.
6 d 6 curtidas Responder

 [@ma.me.miyu](#) a Nestlé abraçar o mercado vegano e ter lucro com isso não vai fazer ela parar com a exploração animal. Não se engane que "vão ver que dá lucro e vão fazer mais coisas veganas" e num futuro possivelmente vão parar a exploração animal. Não vão. Vão continuar fazendo os dois pelo lucro, e dar nosso dinheiro a uma empresa assim é financiar as atividades de exploração animal E ainda dar mais lucro pra eles.
6 d 12 curtidas Responder

Figura 10 - *Printscreen do instagram*

Parece que parte dos veganos estratégicos não sabem ou esquecem que a Nestlé é uma empresa acusada de envolvimento com testes cruéis em animais não-humanos¹⁵, trabalho escravo humano¹⁶ e destruição da natureza¹⁷. No final, parece contraditório veganismo estratégico não combater essas questões, tanto é que grandes empresas como a Seara e a Nestlé não descrevem seus produtos como “vegano” nas embalagens, colocam “feito de vegetais” ou “produto vegetal”. Além disso, os veganos estrategistas ou estratégicos acreditam que as grandes empresas são fundamentais para divulgar o veganismo e mudar a realidade. Esse é um grande ponto de crítica dos veganos abolicionistas e populares, para eles, o veganismo se faz através do conhecimento e luta popular.

Os veganos abolicionistas e populares criticam fortemente essas pessoas justamente por deturpar a causa e se desviar da essência do movimento. O veganismo, desde o seu início,

¹⁵ Ver mais informações no site <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/228535784/danone-nestle-e-yakult-sao-denunciadas-por-testes-cruéis-com-animais>. Acessado em 15/06/2022

¹⁶ Ver mais informações no site <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/02/acao-nos-eua-liga-industria-do-chocolate-a-trabalho-infantil-na-africa.shtml> Acessado em 15/06/2022

¹⁷ Ver mais informações no site <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/nestle-financia-desmatamento> Acessado em 15/06/2022.

tem um caráter abolicionista em relação aos animais não-humanos, diferentemente de outras visões. Por isso, não faz sentido incentivar ou fazer propaganda (muito por parte dos influenciadores digitais “veganos”) para grandes empresas que o único objetivo é o lucro independente da origem do produto. Dessa forma, o veganismo pragmático foca no consumo e nos consumidores e se esquece das outras facetas do veganismo (exploradas adiante) ou do seu foco principal: lutar por um mundo livre das explorações de todos os animais. Nesse sentido, parece mais importante o consumo individual e a oferta de produtos aptos a veganos. Uma das influenciadoras observadas falou em um vídeo exatamente essa frase: “Meu sonho é um dia todos os restaurantes e lanchonetes ofertarem opções veganas em seus cardápios”. Conscientemente ou inconscientemente, para ela, o importante não é o fim da exploração animal, mas ter conforto e facilidade para manter seu estilo de vida, na medida que é ofertado um novo industrializado sem derivados de animais é motivo de comemoração. A libertação animal, muitas vezes, ganha uma atenção secundária, ou até esquecida, o consumo é posto em primeiro lugar ou único ponto. Diferentemente dos abolicionistas e populares que enxergam o boicote e o consumo como esferas importantes, mas não é um fim em si mesmo nem o objetivo do veganismo. A prática individual, ou seja, o consumo, é o efeito performático da defesa da libertação animal.

Apesar de todo veganismo ser considerado abolicionista, dentro do movimento, uma determinada vertente ganhou esse termo. Nessa visão, é defendida mudanças diretas, não parciais ou pequenas, não se acredita que haverá libertação animal com medidas paliativas e, na lógica abolicionista, não há mercadoria vegana se a empresa ou produtor não detiver práticas veganas (não testar em animais por exemplo). Dessa forma, empresas que lançam suas linhas “veganais”, nada se importam com os animais, apenas querem conquistar essa fatia do mercado, o veganismo é apenas uma forma de maximizar os seus lucros. Normalmente, seus adeptos detém uma visão anticapitalista, com uma visão muito crítica ao veganismo de mercado ou estratégico, pois não há possibilidade de existir uma libertação animal real dentro ou a partir do capitalismo, pois, uma libertação animal não proporcionará maiores lucros.

As moderadoras e os moderadores descrevem o grupo (VegAjuda) como abolicionista, mas nem todos que participam o são. Dessa forma, vários debates sobre o tema são formados, normalmente, quando alguém indica algum produto de grandes empresas e frigoríficos com linhas supostamente veganas, mas não se muda a postura como um todo, visto como apenas uma atitude para alcançar uma maior parcela do mercado. Segundo os membros, um produto ou uma linha não pode ser vegana, já que é um estilo de vida com preceitos éticos, morais e políticos que visa à abolição da exploração animal. No máximo, um produto pode ser apto

para vegetarianos¹⁸ e ovo-lacto-vegetarianos¹⁹. Logo, seria impossível um produto ou linha de uma grande empresa, como a Unilever, que faz testes em animais, ou a Seara, um grande frigorífico que assassina bilhões de animais por ano, ser considerado vegano ou algo próximo disso.

Na disputa de narrativas, os abolicionistas tentam deslegitimar o veganismo estratégico como “veganismo”, exatamente por entenderem que o único ou principal objetivo é em relação aos produtos de consumo, se não tiver derivados de animais ou não foi testado, eles consomem, não se importando com as práticas que a empresa detém ou não se preocupam com a ação política.

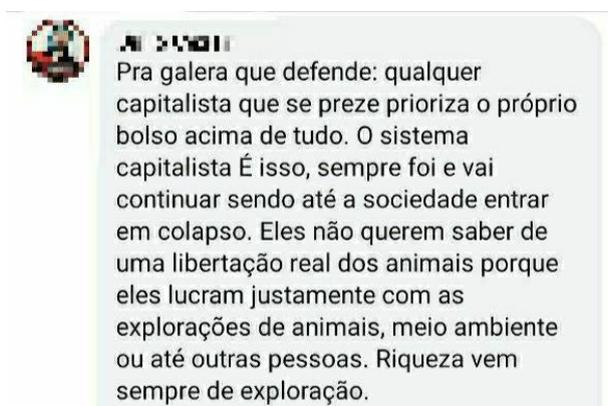


Figura 11 - *Printscreen do facebook*



Figura 12 - *Printscreen do facebook*

¹⁸ Adeptos de uma alimentação que exclui os derivados de animais

¹⁹ Adeptos de uma alimentação que exclui as carnes de animais, mas mantêm os derivados de leite e ovos.

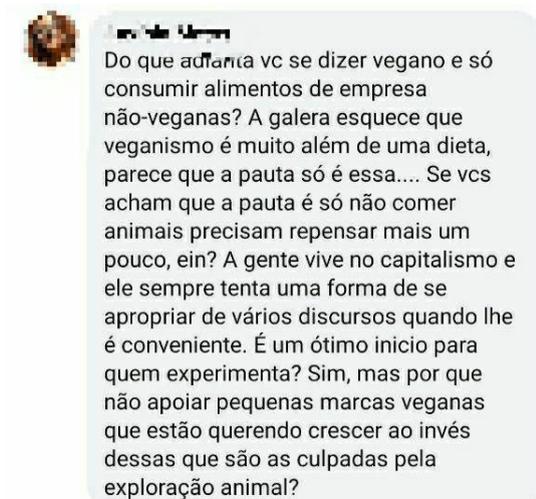


Figura 13 - *Printscreen do facebook*

Através dos exemplos acima, podemos entender que, a partir do veganismo estratégico ou bem-estarista, o movimento está perdendo seu caráter revolucionário e contracultural para se tornar apenas um nicho de consumidores e de mercado. Justamente sendo cooptado pelo capitalismo e se tornando acrítico, tornando-se apenas uma dieta e escolhas de produtos. Independente de certo ou errado o veganismo estratégico não tem um caráter contracultural ou revolucionário, nem abolicionista o que é, segundo o filósofo Tom Regan (2006), a base do veganismo, ao passo que apoiam medidas paliativas e parcerias com empresas, instituições que não visam a abolição dos animais, preocupadas com a maximização dos lucros.

Em contrapartida, um termo é bastante utilizado entre os veganos estratégicos em relação aos abolicionistas e populares, a **polícia vegana**. Ele é consequência de um ponto de tensão entre as visões do veganismo. Esse exemplo foi retirado da discussão em relação ao leite condensado vegetal da Nestlé:



Figura 14 - *Printscreen do instagram*

O termo é usado de forma pejorativa para ironizar os veganos abolicionistas e populares, pois, muitas vezes, os estratégicos entendem como exagero ou dinâmica impraticável as proposições do veganismo abolicionista e popular. Essa crítica fica mais aguda principalmente em relação a informativos e a críticas aos produtos específicos que não são testados em animais ou não contém derivados de animais, uma vez que as empresas testam os demais produtos que ela oferta em animais ou se tratam de grandes frigoríficos. Claramente, essas empresas só desenvolveram tais produtos para alcançar essa parcela do

mercado e não tem prática ou preceitos do veganismo, não tem nenhuma preocupação com os animais ou intenção de mudar suas práticas. Além disso, os estratégicos criticam os preceitos anticapitalistas e as ações mais diretas também. Quando há alertas relacionados ao consumo mais restrito ou crítica a essas empresas, a discussão se resume a chamar os demais veganos de polícia vegana, dessa forma, se fecha qualquer tipo de debate produtivo e esvazia o teor político e crítico do veganismo. Quando esse termo é utilizado, já é certa a visão de veganismo (estratégico) dessa pessoa. Esse tipo de tensão ocorre justamente pelos estratégicos enxergarem nas grandes empresas um possível aliado que poderá ofertar mais produtos “veganos” e espalhar a mensagem da causa, além de não entenderem o sistema capitalista como um obstáculo no veganismo. Ao contrário disso, os abolicionistas (e populares), não enxergam as grandes empresas como uma fonte de consumo, muito menos como aliadas, exatamente por entenderem que essas empresas só buscam lucro e mais nichos de mercados e se beneficiam da exploração animal. E que o veganismo se faz através da luta popular, não através das empresas ou das estruturas. Além disso, entendem o especismo como base do sistema capitalista e suas impossibilidade de acabar com a exploração de todos os animais.

O veganismo estratégico parece mais uma forma de consumir, na qual a esfera coletiva e política se distancia ou se extingue, o bem-estar pessoal e a facilidade de encontrar opções aptas para o consumo são o suficiente, a ideia de que não está consumindo animais é o bastante que pode ser feito, uma espécie de conformismo. Entendem, portanto, o veganismo como uma forma de consumir. Já os abolicionistas e populares reivindicam o veganismo como um movimento político, não somente um estilo de vida e de consumo, mas, principalmente, uma forma de mudar a realidade, é uma **luta** pela libertação animal. Para os abolicionistas e populares, o veganismo estratégico não pode ser considerado “veganismo”, pois perde alguns dos principais alicerces do movimento que é a luta política, enquanto os estratégicos consideram os populares e abolicionistas extremistas e utópicos.

Portanto, além das visões diferentes do veganismo, também há um número crescente de iniciantes em transição e curiosos. Por isso, é bastante comum o surgimento de dúvidas em relação a produtos industrializados que não contêm derivados de animais. Surgiu uma dúvida interessante no grupo pesquisado relacionada a isso: "Por que vegano não toma Coca-Cola?", já que não tem animais ou derivados nos ingredientes. Segundo os abolicionistas, vegano não toma Coca-Cola, pois, apesar de não haver ingredientes derivados de animais na sua fórmula, a empresa é envolvida com testes de animais e patrocina muitos eventos recreativos envolvendo animais não-humanos, como rodeios, que são muito populares no Brasil. Fica claro que o veganismo não é apenas uma dieta, mas uma filosofia política de vida que envolve

preceitos morais e éticos demarcados. O veganismo é um movimento que, aparentemente, pode parecer buscar um único objetivo, mas, mesmo nesse grupo, há visões e objetivos divergentes. Podemos perceber, mesmo em um grupo que, à primeira vista, possa parecer homogêneo com pensamentos semelhantes, pode haver várias discordâncias, formas de agir e visões de mundos diferentes para alcançar os objetivos.

3.2 Veganismo popular é poder popular

O veganismo popular surgiu de parte dos antigos membros militantes do veganismo abolicionista, a crítica e discordância está principalmente pela falta ou pouco debate e intersecção entre veganismo e outras lutas e movimentos sociais como de raça, gênero, sexualidade, classe e colonização. Entende-se que a origem do movimento vegano tenha forte ligação com outros movimentos sociais como o feminismo.

Os principais princípios que regem o veganismo popular são o boicote, a ação direta, a conscientização, luta antidominações e interseccionalidade (luta de classes, antirracismo, antifascismo e feminismo) e poder popular. Há uma base teórica forte que auxilia na ação, é intencional que ativistas do veganismo popular se juntaram e escreveram um livreto para divulgar a teoria e filosofia do movimento, “Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário”, fizeram parte dele os movimentos ANTAR - Poder Popular Antiespecista e a UVF - União Vegana Feminista. Esse tópico foi desenvolvido através das observações da página do grupo militante ANTAR que também tem uma sede pernambucana e, de forma complementar, o livreto desenvolvido por eles e elas.

Portanto, o veganismo popular tem como base o poder popular, ou seja, a força social e luta política da classe trabalhadora, uma luta contra as estruturas da sociedade e o capitalismo. O foco é conscientizar e defender os interesses da população menos favorecida, dar qualidade alimentar para essas pessoas e ir contra os industrializados (mesmo os “plant based”²⁰) das grandes indústrias que adoecem as pessoas, principalmente os mais pobres. Um projeto de sociedade que respeite a natureza e todos os animais.

Trata-se de uma postura vegana altamente política e anticapitalista. O objetivo é combater as estruturas de opressão e alterar as condições materiais na sociedade, ou seja, lutar pela condição básica de todos, como educação, saúde, soberania alimentar, acesso à cultura e

²⁰ Termo utilizado para alimentos à base de vegetais que, originalmente, utilizam derivados de animais. Foi uma demanda que o mercado está suprimindo para consumidores com dietas vegetarianas ou quem diminuiu esse tipo de consumo.

lazer. Nessa visão, não existe veganismo sem combater todas as opressões, e a interseccionalidade é um conceito fundamental. Um ponto de grande crítica em relação às grandes empresas e indústrias e parte dos veganos acreditarem que precisam delas para realizar as mudanças, pois as mudanças e a revolução são e serão feitas somente pela classe trabalhadora e não pelas empresas ou classes médias, o poder está com o povo. Pode-se perceber o caráter marxista por trás das proposições do veganismo popular, ao passo que Karl Marx destaca a importância da prática revolucionária para alterar as estruturas e as condições materiais:

[...]explicar as formações ideais a partir da práxis materialista e chegar, com isso, ao resultado de que todas as formas e [todos os] produtos da consciência não podem ser dissolvidos por obra da crítica espiritual, por sua dissolução na “autoconsciência” ou sua transformação em “fantasma”, “espectro”, “visões etc., mas apenas pela demolição prática das relações sociais reais de onde provêm essas enganações idealistas; não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história e também da religião, da filosofia e de toda forma de teoria (MARX, 2007, p.43).

Ou seja, as mudanças não acontecem a partir do consumo ou do próprio sistema. Portanto, o interesse das empresas é somente o lucro, não tem nada relacionado ao veganismo nem diminuir ou acabar com as desigualdades. Nessa concepção, não há capitalismo livre de exploração e livre de expansão. Por isso, a aliança com os demais movimentos sociais que lutam contra o capitalismo e as opressões é essencial, com eles, tratar pautas ecológicas e combate às dominações. Dessa forma, a realidade não pode ser mudada através do consumo de plant based. Veganismo sem crítica e sem política não é veganismo, é dieta.

É importante discorrer um pouco sobre os principais princípios do veganismo popular. Entre eles, o **boicote**, talvez, seja o ponto mais a vista do veganismo, todos que conhecem o veganismo percebem que existe uma relação do consumo com o boicote, e todo vegano segue dada as devidas variações de acordo com cada visão do veganismo. Para o filósofo ativista Renato Libardi (2021), “os fins são os meios” é fundamental para o veganismo, o objetivo não deve ser alcançado de qualquer forma, os princípios e a luta pela libertação animal devem pautar as ações individuais e coletivas:

o princípio basilar do verdadeiro veganismo é “os fins são os meios”. Por trás disso está a ideia do “compromisso performático”, isto é, do princípio de que, para atingir nossos objetivos mais fundamentais, devemos agir de maneira coerente desde o início de cada passo estratégico (LIBARDI, 2021, p.11).

Por isso, é essencial manter a lógica do que se consome, ou seja, recusar o consumo de produtos das empresas que nada têm a acrescentar à luta vegana e que têm a exploração animal como forma de lucrar, além de nunca formar parcerias ou se aliar a elas. Mais opções

“plant based”²¹ nas prateleiras dos mercados não colaboram com a libertação animal nem “torna o veganismo mais popular”, apenas se forma como um nicho de mercado. O boicote não é o meio que fará alterar as estruturas, mas faz parte de uma gama de estratégias e desenvolve identidade e coerência performática para esse grupo. Por isso é inseparável a luta vegana da luta anticapitalista. Nesse sentido, Libardi atenta para a não compatibilidade do neoliberalismo com o veganismo, ao passo que a base do capitalismo é a exploração da natureza e de todos os animais, são visões e práticas incongruentes. Portanto, não faz sentido um veganismo estratégico que preza por um falso pragmatismo que se distancia da luta pela libertação animal, como desenvolve abaixo:

Liberalismo (e neoliberalismo) e veganismo são essencialmente opostos e se baseiam em visões de ecologia profundamente distintas e antagônicas. Enquanto o Capitalismo tem como premissa a exploração *ad infinitum* da natureza, dos animais e das pessoas (vale lembrar: todos nós somos tanto animais quanto parte da natureza, todos bestas de carga), O Veganismo popular, abolicionista, interseccional e antiespecista, por sua vez, se baseia no equilíbrio ambiental, na não exploração e no biocentrismo (antítese do antropocentrismo)[...] Apesar dos dilemas e paradoxos que envolvem a luta pela libertação animal e humana, é importante que a “ética” e a “estratégia política” estejam em sintonia. Não vender nossos princípios em detrimento de um pragmatismo (falso e equivocado) desesperado e vazio é mais que obrigatório (LIBARDI, 2021, p. 13-14).

Dessa forma, o veganismo popular faz uma crítica direta ao veganismo estratégico, pois não há nada de estratégico em se aliar ao proliferador da exploração animal. O correto é combater essas grandes empresas e o capitalismo, quem deve ser os aliados são os movimentos sociais, diante disso, tentar introduzir o conceito de antiespecismo nesses movimentos.

A **ação direta** está relacionada à negação de um representante para poder realizar ações políticas e tomadas de decisões, ou seja, indo contra as normas que muitas vezes podem ser ilegais. Assim explica a ativista Ana Larissa Lima:

se contrapõe às regras formais de uma democracia liberal, desaprovando a atuação apenas por meio da legalidade burguesa, pois esses são caminhos impostos pela política dominante e, se considerados, se faz impossível a transformação radical da sociedade. Por isso, considera-se necessário construir as ações no agir autônomo dos indivíduos e grupos (LIMA, 2021 p. 16).

²¹ Produtos feitos de vegetais, sem derivados de animais na sua composição. Esse termo é muito utilizado pelas empresas que oferecem alguns produtos para o público vegetariano/vegano.

Dentre essas ações estão o próprio boicote²², os protestos²³, sabotagem²⁴ e resgates²⁵. As mais comuns são o boicote realizado por todos os veganos em certa medida, protestos e resgate, os resgates muitas vezes são feitos em locais públicos, mas também podem acontecer em locais privados, o que pode se configurar como uma atividade ilegal. O mais incomum são os casos de sabotagem, como afirma Lima: “É importante frisar que ações que se propõem a gerar danos, devem ser direcionadas a grupos, indústrias, empresas ou eventos que visam a obtenção de lucro e que tenham relação com a exploração humana, animal e ambiental”(LIMA, 2021, p. 17).

Um caso de sabotagem e danos a propriedade, que ficou muito famoso do meio vegano, foi protagonizado por Walter Bond, conhecido como o “lobo solitário”, um ativista que fez parte da ALF (frente de libertação animal em inglês), um grupo focado no ativismo direto de libertação de animais de situações degradantes e sabotagem conhecido mundialmente. Walter foi responsável por incendiar uma loja de casacos de pele e um restaurante que servia *foie gras* (fígado gordo) nos Estados Unidos da América em meados de 2010. Esse famoso prato francês é feito com o fígado de pato que é obrigado a comer até morrer de tanta gordura no fígado (inclusive, a comissão de meio ambiente do senado brasileiro acaba de proibir qualquer produto que seja realizado a base de alimentação forçada de animais, incluindo esse prato, pelo nível altíssimo de tortura que os patos e outros animais sofrem²⁶). Vale ressaltar que o dano foi causado apenas às propriedades privadas dessas empresas e indústrias e nenhuma pessoa foi atingida. Pelos seus crimes contra a propriedade, Walter foi condenado a cumprir 12 anos de prisão pela justiça norte-americana²⁷.

No Brasil, um determinado resgate e invasão à propriedade privada teve bastante destaque na mídia da época. Em 2013, um grupo de ativistas, após denúncias de maus-tratos nos testes em animais (ratos, coelhos e cães) e assassinato dos cães do laboratório do Instituto Royal localizado em São Roque. Os ativistas conseguiram invadir o local e resgataram

²² O boicote é uma prática diária que visa atingir financeiramente o comércio de produtos e seus produtores que se utilizam de derivados de animais, testes em animais e outras formas de exploração e, de alguma forma, desestimular essas práticas.

²³ Os protestos têm o intuito de divulgar e dar voz à luta pelos animais, mostrar que esse movimento existe.

²⁴ A sabotagem visa encerrar qualquer atividade ou instrumento de exploração animal. O dano sempre é realizado em propriedades privadas que realizam essas atividades.

²⁵ A prática do resgate tem o objetivo de remover qualquer animal de uma situação de risco ou de vulnerabilidade, independente de ser em lugares públicos ou privados, e transportar para locais que possam ter cuidado e segurança.

²⁶ Ver maiores informações em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2022/05/comissao-aprova-proibicao-de-foie-gras>. Acessado em 18/06/2022

²⁷ Ver maiores informações em: <http://supportwalter.org/SW/>. Acessado em 18/06/2022

dezenas de cães da raça beagle²⁸. Esses tipos de ações ilegais, muitas vezes, são criticadas pelos veganos estratégicos e entendidos como atos terroristas por serem atividades ilegais e com efeitos concretos, nesse sentido, acreditam no sistema e na mudança através do boicote e da proliferação da ideologia vegana com o auxílio das grandes empresas.

A **conscientização** é outro ponto importante, através da conscientização, é possível desenvolver e difundir o movimento vegano. Para isso, é preciso propor um processo educativo e reflexivo, ou seja, um trabalho de base, além de criticar atitudes e forças estruturais que são contra essa conscientização. Libardi discorre sobre alguns diagnósticos pensados pelos populares que o veganismo vem sofrendo. Vale destacar a influência que a visão neoliberal está desenvolvendo sobre o veganismo. O veganismo deixa de ser um movimento político para virar um nicho de mercado. Consequentemente, os novos adeptos desenvolvem essa ideia do veganismo como dieta e escolha de produtos de consumo. Isso fica claro quando se observa os veganos estratégicos que tratam o veganismo como uma relação de consumo, muitas vezes deixando de lado seu caráter político e a libertação animal:

O exemplo da ação tem efeito educativo de gerar reflexão e, em longo prazo, consciência. “ A consciência histórica é a condição *sine qua non* da revolução social”, disse Erick Corrêa, mas, para tanto, é necessário eleger as melhores e mais legítimas estratégias. O veganismo popular, político, abolicionista e interseccional vem denunciando certas limitações e armadilhas comuns na luta pela libertação animal e humana e, em geral, vem diagnosticando alguns pontos: a) a cooptação do movimento vegano pela visão liberal de mercado (despolitizando o antiespecismo e focando numa narrativa de ênfase dietética; b) a insuficiência do ativismo performático (preferindo a inserção nos movimentos sociais em nome do foco em performances teatrais no estilo europeu de ativismo animalista) e c) a falta de consciência política e estratégica de muitos dos militantes da causa (LIBARDI, 2021, p. 22).

A conscientização da população é um trabalho difícil e, somente, será possível com a inserção das pautas antiespecistas nos movimentos sociais e ocupação dos espaços, como na educação e na cultura.

As **Antidominações e a Intersecção** são princípios fundamentais, pois, não há veganismo sem combate às estruturas de poder. O especismo faz parte de uma estrutura de poder que também é geradora de outras opressões e dominações, logo, estão interligadas. Kauan William, que é historiador e ativista, atenta para a impossibilidade de lutar pela libertação animal sem combater o sistema capitalista como um todo que domina e oprime não só os animais não-humanos, mas também os humanos:

existe uma estrutura de dominação, que assim como é a misoginia para as mulheres, ou o antissemitismo para os judeus, existe o especismo. Mas essas opressões não

²⁸ Ver maiores informações em:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/10/ativistas-invadem-e-levam-caes-de-laboratorio-suspeito-de-maus-tratos.html>. Acessado em 18/06/2022

estão desconectadas[...] é impossível lutar por direitos dos animais sem pensar estruturas que alimentam o especismo, como o capitalismo que usa modelo de produção para potencializar a exploração animal, o machismo, usando a maneira de controle de reprodução sexual, etc (WILLIAM, 2021, p. 33).

Portanto, não é possível pensar em um veganismo popular sem a interseccionalidade, pois não se deve colocar o direito de uma espécie acima da outra, nem pensar em revoluções, mudanças ou políticas públicas que pensem apenas nos animais não-humanos. Há toda uma construção histórica e social que leva os animais não-humanos a essa condição e não há como desenvolver essas lutas separadamente.

Por esse motivo, muitas vezes, os veganos populares são acusados de defenderem o “*human first*” (humanos em primeiro lugar), exatamente por pensarem nas lutas de forma interseccional e não apoiarem ações que sejam conflitantes com as minorias ou grupos oprimidos. Por esse motivo, eles são acusados de serem especistas. Para utilizarmos como exemplo, desde 2011²⁹, há discussões, em câmaras de vereadores e deputados de diversos estados do Brasil, sobre a proibição de sacrifício de animais em rituais religiosos. Claro que, aqui, apenas entra em discussão o sacrifício de animais em rituais religiosos de matriz afrobrasileira. Não se discute o assassinato de animais para os rituais judaico-cristãos, exemplo desses rituais que é bastante difundido no Brasil é o Natal, para comemorar o nascimento de Jesus Cristo. Dessa forma, fica bastante em evidência o preceito racista que envolve esse projeto de lei. Em 2017, essa discussão voltou à pauta com força no Brasil e causou bastante debate nas mídias e páginas não somente veganas. Os veganos populares foram totalmente contra essa proposta que visa diminuir e talhar a cultura e religião dos povos negros, uma vez que a intenção não é a libertação animal, mas visa um alvo bem específico de opressão. Por isso, os veganos populares foram bastante taxados de colocar os interesses humanos em primeiro lugar e serem especistas.

²⁹ Para maiores informações ver:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/10/projeto-de-lei-proibe-sacrificio-de-animais-em-rituais-religiosos-em-sp.html>. Acessado em 19/06/2022

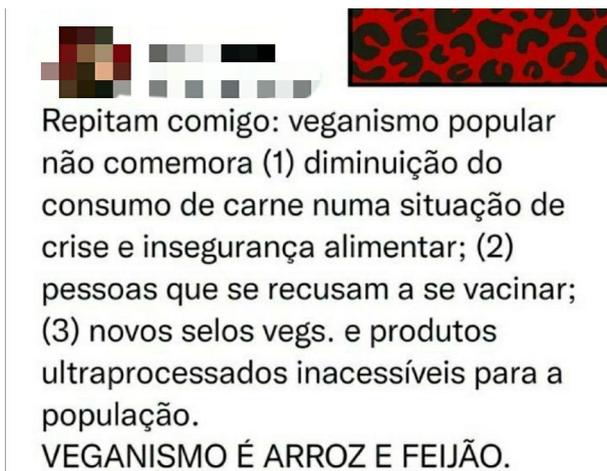


Figura 15 - *Printscreen* do *instagram*

Dessa forma, o veganismo popular tem compromisso e mantém uma lógica de apoiar todas as minorias que sofrem opressões e não colocam a causa animal acima das outras. É um veganismo que luta pela libertação e dignidade de todos os animais. Portanto, o veganismo popular, apesar da importância que reconhecem que o boicote representa, não é suficiente para acabar com as opressões, é preciso combater as bases do sistema capitalista que impõe as dominações e opressões diversas, e isso só pode se possível com a inserção do veganismo nos movimentos sociais e na população e na busca por ações diretas com o **poder popular**.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto até aqui, foi possível entender que não existe “o veganismo”, mas “os veganismos”, por isso, há vários conflitos de narrativas e disputas nos discursos, na busca das ações e posicionamentos mais éticos e eficientes que devem ser seguidos para alcançar a libertação animal. Podemos perceber e pensar os pontos de vista culturais incongruentes convivendo na mesma sociedade. Como entendemos a relação de nós com os outros vivos pode desenvolver práticas muito diferentes, indo mais além, como na mesma visão de relação entre vivos podem desenvolver discursos e práticas conflitivas. Na medida que um grupo busca uma relação mais de consumo com medidas paliativas de forma individualista dentro do sistema, outros buscam a conscientização e revoluções populares para subverter as estruturas sociais de forma coletiva. Como exemplo dessa tensão, foi citada a “polícia vegana”, uma forma de ridicularização.

Para mim, o veganismo não é somente o consumo ou o consumo é a principal questão (como defendem os estratégicos) se o objetivo for a libertação animal, apesar do consumo (pois, o consumo é inseparável do ser humano) e o boicote serem questões essenciais ao veganismo. Os populares criticam essa postura, pensando que as empresas incentivadas pelos estratégicos não estão preocupadas em nada com os direitos dos animais, mas sim, com essa parcela de consumidores no mercado. O objetivo dessas empresas é o lucro e a acumulação, o que for permitido, será explorado e utilizado se obtiver lucro. Além disso, as mudanças são possíveis através do poder popular. Então, o veganismo não é voltado para o consumo das pessoas, mas, pela libertação animal, parafraseando um grito da marcha “o veganismo é pelos animais”.

Também foi possível interpretar como as emoções são performadas nos momentos de ativismo público e seus possíveis significados. Nesse sentido, como o luto e o choro tem uma mensagem de demonstrar que as vidas dos animais não-humanos explorados e assassinados também importam, para isso, a formação de uma “comunidade emocional” é um fator importante nessa compreensão. Na medida que compartilham uma “linguagem emocional”, as mensagens podem ser veiculadas no grupo. Além disso, como o sofrimento e o sentir são recorrentes nos discursos como elo entre os vivos e podem ser mecanismos para compartilhar e conscientizar as pessoas. Nesse sentido, a partir do momento que posso sentir o sofrimento daquele outro vivo e entender como violência é possível mudar a forma de

entendê-los. As emoções se mostraram essenciais na performance e na argumentação dos ativistas.

Esse trabalho se mostrou o ponto de partida para continuar pesquisando sobre as relações de humanos e não-humanos e o veganismo. Para além dele, pretendo pesquisar mais e aprofundar sobre o veganismo popular e sua relação ética com os outros viventes e a natureza. Aqui, percebemos que é um movimento que busca a revolução e quebra do sistema capitalista pelo poder popular, na medida que, segundo os populares, esse sistema explora quase sem limites os viventes e a natureza e é responsável por desenvolver ou manter uma série de opressões. A minha escolha de me aprofundar nesse movimento surgiu por ser a visão do veganismo que faz mais sentido para mim, na medida em que acredito na possibilidade de um mundo livre de opressões para todos e todas as viventes.

5. REFERÊNCIAS

- ABONIZIO, Juliana. **Consumo alimentar e anticonsumismo: veganos e freeganos**. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/download/3523/2589>
- ADAMS, Carol. **A política sexual da carne: Uma teoria feminista-vegetariana**. Editora Alaúde. 2018
- ANGROSINO, Michael. 2009. **Etnografia e observação participante**. (Coleção Pesquisa Qualitativa). Porto Alegre: Artmed
- BRUGGER, Paula. **Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental**. Linhas Críticas, vol. 15, núm. 29, julho-diciembre, 2009, pp. 197-214, Brasília: 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1935/193514388002.pdf>>
- COELHO, Maria Claudia & REZENDE, Claudia Barcelos. **Antropologia das emoções**. Editora FGV, 2010.
- DANTAS, Maria Isabel. **É preciso matar o porco: de humano a animal despersonificado**. In: Barbato Bevilaqua, Ciméa e Vander Velden, Felipe. **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: Editora UFPR; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP. 2002
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FREIRE, Leticia de Luna. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. *Comum*, v. 11, n° 26, p. 46-65., 2006.
- GEERTZ, Clifford. **Um jogo Absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa**. In: Geertz, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo : Atlas, 2002.
- HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- JAGGAR, Alison M. **Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista**. In: JAGGAR & BORDO. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1988.
- JIMENO, Myriam. **A Vítima e a Construção de Comunidades Emocionais**. *MANA* 16 (1): 99-121, 2010.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1994

LIRA, Luciana Campelo de. **Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo**. 2013 Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27495>>

LIMA, Ana Larissa S. & LIBARDI, Renato & MOTA, Ana & PAVANI, Marcus & WILLIAM, Kauan. **Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário**. Piauí: Editora Terra sem Amos. 2021.

PERROTA, Ana Paula. **Defensores dos direitos dos animais: o sofrimento como atributo compartilhado por humanos e animais**. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 9., 2011, Curitiba.

PERROTA, Ana Paula. **Vegetarianismo ético e posições carnívoras: questões além do sabor e dos nutrientes**. 2017 Disponível em: <<https://doi.org/10.36920/esa-v25n2-6>>

PERROTA, Ana Paula. **Animais e direitos: as fronteiras do humanismo e do sujeito em questão**. 2021 Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/186658>>

REGAN, Tom. **Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos animais**. Porto Alegre: Lugano, 2006.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

ANEXOS

ANEXO A - Panfleto da Marcha



1ª Marcha pelo dia Internacional do Veganismo Recife:

A Marcha pelo Dia Mundial do Veganismo é um evento em homenagem ao Dia Mundial Vegano, celebrado em 1º de novembro. **A primeira marcha pelo Veganismo do Recife foi idealizada e organizada pelos movimentos 269life Nordeste e Vozes em Luto Nordeste e conta com o apoio do Núcleo Punk Vegan e da banda Punk Guerra Urbana.**

O propósito da Marcha é disseminar a luta abolicionista vegana, levando como bandeira principal, a libertação animal e ações diretas pautadas contra o ESPECISMO, que é propulsor do assassinato brutal de mais de 150 bilhões de animais por ano, podendo esse número alarmante ser duplicado até o ano de 2050. Ainda, o evento ficou consolidado com o tema, **CONTRA O ESPECISMO / PELO DIREITO À VIDA**, pois neste momento, diversos animais estão morrendo nos abatedouros! Diversas fêmeas não humanas estão sendo violentadas para produzirem leite e procriarem o tempo todo de forma escravizada, terem seus filhotes separados para depois seus bezerros servirem de carne de vitela,

CONHEÇA A VERDADE, ASSISTA AO DOCUMENTÁRIO:

 **DOMINION**



aumentando cada vez mais o lucro da indústria da carne, dos produtos lácteos e seus derivados, à custa de todo o sofrimento que estes animais são submetidos diariamente para satisfazer o prazer do paladar!

A Marcha também tem o intuito de conscientizar as pessoas e mostrar para todas elas, que o veganismo é acessível à população, não importando a classe social, além de quebrar o paradigma de que para ser vegano é preciso ter muito dinheiro! Pelo contrário, existe uma gama de opções veganas com preços acessíveis, feira e hortas, pois este deve ser o objetivo principal para promover a libertação animal: tornar o veganismo cada vez mais acessível, lembrando sempre que o foco são os animais não humanos, dos quais se beneficiarão com o crescimento do veganismo! Assim, reforçamos que os animais não humanos são vítimas do **ESPECISMO** e supremacia humana, sendo eles excluídos do direito da liberdade de viver, considerados por grande parcela da sociedade como apenas “comida” ou meros “objetos” desprovidos de sensibilidade e sentimentos.

Desta forma, nossos irmãos não humanos são tão sencientes (seres dotados de sentimentos e emoções) quanto nós (animais humanos) e qualquer outro animal. Eles desejam viver e em cada um deles bate um coração que sente medo, dor e que anseia por liberdade!

SOBRE O DIA MUNDIAL VEGANO:

A data foi criada pela ativista Louise Wallis, então presidente da The Vegan Society, no mesmo dia que a entidade completou 50 anos de existência.

O veganismo surgiu em 1944, mas foi definido oficialmente em 1949, quando Leslie J. Cross sugeriu o princípio da emancipação dos animais da exploração pelo homem. Dessa forma, o vegano não consome nenhum produto de origem animal ou que tenha sido testado em animais, em qualquer fase de seu processo, na medida do possível e praticável.

PARA CONHECER MELHOR O NOSSO TRABALHO SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:



269life Nordeste



269lifenordeste



Vozes em Luto Nordeste



vozesemluto.nordeste